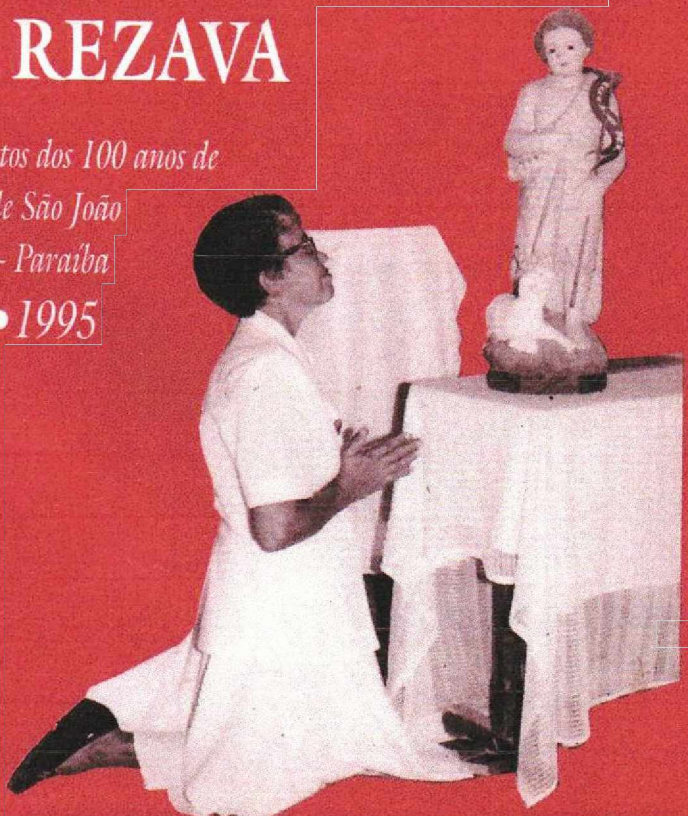


A TERRA DA MULHER QUE REZAVA

– *Fragmentos dos 100 anos de história de São João do Tigre - Paraíba*

1895 • 1995



Pe. JOÃO JORGE RIETVELD

A TERRA DA MULHER QUE REZAVA

FRAGMENTOS
DOS 100 ANOS DE HISTÓRIA
DE SÃO JOÃO
DO TIGRE - PARAÍBA
1895 - 1995

PE. JOÃO JORGE RIETVELD

CAPA e
Programação Gráfica: Marcos Tenório
Diagramação e Ilustração: Isabel Lima Montenegro

IMPRESSÃO e ACABAMENTO:

Editora & Gráfica Jaraguá Ltda
Rua João Amorim, 357 - Centro
Fone: (083) 221.1798 - Fax: (083) 221.3130
CEP: 58013-310 - João Pessoa - Paraíba - Brasil

De volta a nós mesmos

O jovem Padre João Jorge Rietveld vem ensaiando um bonito papel, menosprezado até agora, em detrimento de nossa boa gente.

Há pouco, publicava ele o simpático volume sobre Camalaú. Desta vez, já é São João do Tigre a merecer seu talento e sua operosidade. Com invejável dedicação, soube valer-se de quantas oportunidades lhe foram oferecidas, em suas andanças pastorais, a explorar fontes pessoais e documentais, com resultados surpreendentes. A pequena obra aí está pode parecer modesta, mas é singular, original, exemplar.

Sem dúvida, aqui temos um exemplo para os moços inteligentes e idealistas da nova geração. Ainda é tempo de salvar a memória de nosso povo, tecida de fatos e feitos, mitos e lendas, de enorme significação para as nossas vidas. O caminho está aberto: está aberto o caminho para os que melhor possam fazer.

Corremos hoje o grave risco de ser engolidos pela cultura de massa, nivelados e anulados pela mídia na bruma dos lugares comuns. Sem o sentido regional nem local, sem os conteúdos de humanidade viva, sem o colorido das nossas identidades provincianas, passaremos a cidadãos anônimos de uma pátria de ninguém.

Essas humildes pesquisas nos restituem a nós mesmos, às nossas lídimas origens, à nossa boa terra.

D. Luiz Fernandes

Nota do autor

São João do Tigre. Terra isolada até os dias de hoje. Terra nas margens do Cariri árido. Terra no pé da Serra de Jacarará. Terra montanhosa. Terra de onça. Terra onde a sobrevivência é difícil. Terra de homens valentes e fortes. Terra que recebeu o seu nome por causa de uma mulher religiosa.

No dia 24 de junho a comunidade trigense festeja o seu padroeiro João Batista e escuta aquelas palavras do evangelho de São Lucas (2, 57-66) : " A mãe disse Ele vai se chamar João .... a notícia do seu nascimento se espalhou por toda a região montanhosa .... De fato, a mão do Senhor estava com ele".

Neste ano de 1995 a cidade de São João do Tigre completará os seus 100 anos, 100 anos que esta região montanhosa recebeu o seu nome por causa da oração contínua de uma mulher pobre. Também são 33 anos de sua emancipação política, a idade de Jesus.

Por ocasião destes fatos memoráveis um grupo de pessoas se interessou em resgatar uma parte da história esquecida deste nosso lugar. Uma coisa ficou claro. Várias vezes o papel da mulher foi importantíssimo. Citemos: a fundação do Tigre, a indústria de caroá, a introdução da renascença, o movimento religioso dentro da igreja, a educação e as parteiras. Como Isabel gerou São João, elas geraram os dados deste livrinho, fragmentos de uma história. Com toda a humildade e reconhecendo o caráter provisório, queremos oferece-lo especialmente às mulheres da nossa cidade.

Queremos agradecer a todos que deram a sua colaboração. A D. Maria Tutu que deu a idéia de escrever este livrinho. A Jcomar Ventura Borges que arrancou muitos fatos desconhecidos dos arquivos. E a D. Maria de Ciliro, D. Dorinha, Maurismar, Joaquim Borrego, D. Elizabete, a família Medeiros, D. Maria do Carmo Santos Liberal, Miguel Robério, os padres Redentoristas e o prefeito Genuíno José Raimundo.

24 de junho de 1995, São João do Tigre

Pe. João Jorge Rietveld.

Conteúdo

01.	A Região, Marcada pela Falta d'água
02.	Os primeiros habitantes - os Índios
02.1.	Os Taraírius e os Cariris
02.2.	A Língua dos Índios
02.3.	Obras que os Índios deixaram
02.4.	Lendas dos Índios
02.5.	A Guerra dos Bárbaros. A Eliminação dos Índios no Cariri
02.6.	Influências dos Incas na nossa região
03.	Região de Pouco Interesse
03.1.	Os Oliveira Lêdo
03.2.	Os Flamengos
03.3.	Os Negros
03.4.	A Presença da Igreja Católica
03.5.	A Civilização de Couro
04.	Os Padres que passaram por São João do Tigre
04.1.	Frei Martinho de Nantes
04.2.	Padres da Paróquia de S. J. do Cariri
04.3.	Os padres da paróquia de Monteiro
04.4.	Os padres da paróquia de S. S. do Umbuzeiro
05.	Agricultura e Pecuária
06.	Homenagem aos Criadores
07.	Os Cangaceiros em São João do Tigre
08.	Santa Maria, o Berço da Fé Católica da Paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro
09.	Sítio Capim, Lembranças da Época da Cólera
10.	Cacimbinha, Terra de um Catolicismo Firme
11.	Ingá, a Terra do Homem que nunca mais Cortou a sua Barba

12. Quati-Bonita, a Comunidade Caçula da Paróquia

13. Vida e Morte Tigrense

14. Tigre de Baixo, a Sede do atual Município de São João do Tigre
14.1. Sobre o nome
14.2. As raízes do Tigre
14.3. O Patrimônio
14.4. A Capela
14.5. Pessoas que se Destacaram no Serviço da Igreja
14.6. Uma Via Sacra
14.7. A Mulher que Incentivou a Renascença
14.8. Manoel das Moças, o Homem de Sangue Indígena
14.9. A Família Chaves, Família com Grande Influência na Política
14.10. José Quirino Filho
14.11. A família Raposo
14.12. A Emancipação Política
14.13. A Educação
14.14. Personalidades Esquecidas
14.15. Outras Igrejas

15. Palavra final

Nomes dos sítios de São João do Tigre
Bibliografia

01. A REGIÃO, MARCADA PELA FALTA DE ÁGUA

A nossa paróquia e nela São João do Tigre, está situada num 'apêndice' do Estado da Paraíba. Ela faz parte da região Cariri. Ao sul faz fronteira com o estado de Pernambuco pela Serra do Jacarará que chega a uma altura de 900 metros; é uma barreira natural. Ao norte com o Planalto da Borborema, e fica numa altura de 577 metros. Esta região é fortemente marcada pela falta de água, em vários sentidos.

Em primeiro lugar, olhemos os dados da chuva (totais anuais)

Ano	Monteiro (mm)	S. J. do Tigre (mm)
1935	786,0	346,2
1936	342,5	261,7
1937	435,5	378,3
1938	350,0	342,0
1939	441,3	333,4
1940	534,3	695,5
1941	463,0	400,0
1942	253,0	214,4
1943	452,0	260,0
1944	400,0	295,0
1945	824,4	650,0
1946	456,6	380,0
1947	808,7	680,0
1948	867,6	477,8
1949	453,3	418,2
1950	484,1	370,0
1951	496,7	232,5
1952	395,0	290,2
1953	142,0	181,3
1954	450,0	382,4
1955	462,6	216,0
1956	413,5	290,0
1957	611,0	504,0
1958	262,0	234,3
1959	462,2	427,5
1960	-	700,0
1961	-	600,0
1962	-	250,0
1963	-	668,3

1964	830,2	640,0
1965	905,9	1.020,9
1966	379,5	993,6
1967	875,2	1.233,3
1968	738,1	478,4
1969	699,3	525,3
1970	634,8	667,9
1971	700,2	486,0
1972	631,1	545,7
1973	576,5	542,5
1974	1.083,1	972,7
1975	752,9	726,8
1976	674,9	618,3
1977	507,1	736,7
1978	-	446,1
1979	11,0	287,6
1980	278,6	285,3
1981	455,1	346,4
1982	155,0	205,9
1983	106,0	221,7
1984	1.017,3	742,6
1985	928,6	1.244,9
1986	-	724,0
1987	-	380,2
1988	-	510,9
1989	-	624,8
1990	-	148,2

Este dados nos deixam algumas conclusões: 1 - Monteiro é mais chuvoso do que S. J. do Tigre olhando os totais anuais (gamma 0,05), 2 - no Tigre as chuvas aumentaram durante os anos (gamma 0,05), 3 - Tigre está medindo as suas chuvas desde 1935 e se torna assim o município com os dados mais antigos da paróquia, 4 - a chuva média no Tigre durante todos estes anos é 497 mm por ano (Monteiro, baseado nos dados desde 1912: 598,6 mm por ano).

Em segundo lugar cada ano apresenta pelo menos 5 meses sem chuva. É o chamado verão. Para o homem e os animais, este é um período difícil . Os antigos habitantes, os Índios, tentaram evitar o verão, migrando para o litoral. Lá, eles encontraram comida (caju), mas também outras tribos. Estes encontros muitas vezes foram violentos e receberam o nome de "guerras do caju".

Mas nem todo ano chovia. A nossa paróquia passou por anos de seca geral, como nos anos de: 1710, 1721, 1736, 1777-1778, 1825, 1845, 1877-1879, 1888-1889, 1898, 1900, 1915, 1932, 1951, 1958, 1970, 1979-1983. Cada seca tem a sua história, infelizmente, quase nunca escrita pelo povo sofredor. Na seca de 1721 Dom João IV determinou a obrigatoriedade do cultivo de mandioca e estabeleceu multas para aqueles que se recusassem a trabalhar na produção de farinha, elemento básico da alimentação da população da época. Na seca de 1777 os flagelados foram obrigados a se reunirem em povoações de mais de 50 fogos nas margens dos rios. Assim surgiram muitas vilas (Congo?). Numa outra seca no século 18, o bispo de Olinda-Recife, que tinha planejado uma visita pastoral a São João do Cariri, foi obrigado a desistir dos seus planos, porque não tinha pasto para seus cavalos comerem. Depois da seca de 1845 surgiram planos como a introdução de camelos, o desvio do rio São Francisco e construção de poços e açudes. A seca de 1877 foi motivo para D. Pedro II querer vender a sua Coroa Imperial e destinar o dinheiro para os flagelados. Dizem que foi o começo da política das promessas. As secas do fim do século passado forçaram muitos nordestinos a procurar um refúgio longe das suas terras natais. Eles se tornaram "soldados da borracha" no Amazonas, no auge deste ciclo. A força e o aspecto atraente de Canudos aumentaram, sem dúvida, numa região cheia de gente passando fome e sede. A seca de 1915 ficou conhecida pelo livro de Raquel de Queiroz: "O Quinze". Muitos meteorologistas e estatísticos já estudaram o fenômeno da seca e existem várias opiniões a respeito. Há os que dizem que existe uma periodicidade. Outros se referem a experiências populares ou estudam a conduta de certas plantas e animais. Outros ainda, negam qualquer explicação. A maioria concorda sobre um ponto: a causa das secas se encontra no Oceano Pacífico, perto do Peru: quando o mar esquenta, nos dias da festa de Natal, o clima no mundo inteiro fica desequilibrado. Este fenômeno, que causa as nossas secas, recebeu o nome de "a criança" (el ninõ).

Em terceiro lugar a água influencia sobremaneira as condições de sobrevivência e o acesso ao interior. No livro de João Guimarães Rosa "Grande Sertão, Veredas" a palavra vereda significa grota ou caminho. Durante o período de colonização, os portugueses seguiram o leito dos rios para invadirem o interior. Estudando a fundação de nossas cidades, percebemos a semelhança de suas origens: quase todas se edificaram nas margens dos rios. A nossa paróquia tem um belo exemplo: a capela de Santa Maria, fundada em 1840, por pessoas que lá chegaram seguindo o curso do rio. Isso vai contra o pensamento geral o qual afirma que os primeiros habitantes vieram de Pernambuco, descendo a serra. O distrito de Zabelê é outro exemplo: o seu fundador resolveu construir a sua casa naquele lugar porque um casal de pássaros zabelê indicou a existência de água. Sítios que hoje só são conhecidos pelo nome de uma planta, tiveram antigamente nomes compostos que

relacionavam a planta à água. Assim Caruá era Poço de Caruá e Aroeira era Cacimba de Aroeira. Outros nomes se referem a água também: Cangalha (era Barreira de Cangalha), Ipoeiras (nome indígena que quer dizer "lugar onde as águas recuam") e Camalaú (conforme Horácio de Almeida quer dizer: "Rio de camará", camará é uma planta).

Em quarto lugar, a água é de importância fundamental em relação à divisão das terras. As propriedades estão divididas conforme a linha que marca a divisão das águas (os rios e os pontos mais altos nas serras). Em caso de divisão de terras entre herdeiros, cada um tem direito a um pedaço igual, em tamanho e qualidade. Por isso se faz estas divisões "de cima para baixo". Depois de várias heranças, isso resulta em terrenos bem estreitos e muito compridos, favorecendo a erosão da terra fértil. A terra nas áreas baixas, várzea, é a melhor para a lavoura. As terras altas servem mais para criar, principalmente caprinos.

Mas para o povo água e chuva, antes de tudo, são dons de Deus. E nem com Deus, nem com os seus representantes se brinca. Na região do sítio Ingá o povo conta uma história, parecida com a seguinte. Tinha um fazendeiro que não dava valor ao meu Pe. Cícero. Um dia, quando um romeiro passou por onde morava, o fazendeiro falou assim para ele. *"Tudo aqui está tão seco, tão seco, que o gado está morrendo em pé. Aí você diz para seu Pe. Cícero que eu peço cinco tostão de chuva a ele"*. Pois bem, quando chegou a Juazeiro, o romeiro tinha vergonha de dizer aquilo para meu padre. *"Portador não merece pancada", meu padre disse para ele. "Nem se acanha de dizer o que aquele fazendeiro quer de mim". "Meu padre, ele pediu cinco tostão de chuva ao Senhor". Quer cinco tostão?"* meu padre perguntou para ele. *"Apois, você pode dizer para fulano que cinco dava demais"*. E deu o trocado para ele... quatro tostão na mão. *"Agora você vai dizer para o fazendeiro que se apronte, apois a chuva chega já, já"*. Assim o romeiro foi dar o recado do meu padre ao fazendeiro. *"Fica jantar com a gente"*, ele disse. *"Não posso"*, o romeiro disse e correu. Ele saiu e a chuva começou a cair grosso, mas só na terra do fazendeiro. Caiu tanta chuva que o homem e a família inteira ficaram até o pescoço na água. Não ficou nem um pedacinho de pão doce, para lembrar ele do doce da vida.

02. OS PRIMEIROS HABITANTES, OS ÍNDIOS.

Os primeiros habitantes da região da atual paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro foram os índios. Como nas outras regiões, a grande maioria foi submetida às piores humilhações, culminando com assassinatos. Ao contrário das grandes tribos indígenas, tais como as do México e Peru, os nossos índios quase não deixaram nada em termos de cultura visível. O interesse por estes povos antigos só veio a crescer nos últimos tempos. Entretanto depois de tanta destruição e morte, a reconstrução da história desses povos tornou-se uma tarefa complicada. Pelo pouco que sabemos, eram nômades, viviam em constantes mudanças e falavam línguas diversas. Muitos adotavam o nome do chefe de sua tribo, motivo pelo qual trocavam facilmente de nome.

Ainda hoje certas famílias guardam na lembrança como um parente antigo foi pego "a dente de cachorro". Esse parente, que vivia no mato como um selvagem, naturalmente era um índio.

A nossa região tem o nome Cariri, sugerindo que os primitivos habitantes daqui foram Índios Cariris. Estudos mais recentes mostram a existência de pelo menos dois povos indígenas na nossa região: os Tarairiús (entre eles a família dos Sucuru de Vila de Cimbres e os Janduy) e os Cariris (entre eles os Chocós). Cada povo tinha o seu estilo de viver e falar.

02.01. Os Tarairiús e os Cariris

Camalaú fica situado na divisa das terras de duas tribos de índios: os Tarairiús e os Cariris. Cada tribo tinha um estilo de vida bem diferente.

Os índios Cariris moravam perto dos rios permanentes e praticavam a agricultura (milho, feijão, abóbora e algodão). Possivelmente plantavam também o fumo, que usavam durante festas e cultos. Enterravam seus mortos em grutas, mas não os comiam. Os desenhos encontrados nas pedras indicam que eles tinham um tipo de calendário, formado por cordões nodados como um rosário. Tinham estatura inferior aos Tarairiús. Eles moravam no pé da serra no leste do "Cariri".

Os Tarairiús eram nômades e viviam em pleno sertão. Praticavam a caça e a pesca. Eram fortes e fisicamente maiores do que os Cariris. As primeiras e mais antigas imagens que temos do homem do "mundo novo" foram retratadas pelo pintor holandês Eckhout, e são Tarairiús. Nas pinturas eles foram representados com uma cesta cheia de membros cortados do corpo humano. Isso indica que eram canibais, isto é, comiam carne humana. Há quem diga que eles comiam os próprios parentes, pensando que não havia um lugar melhor para guardá-los do que dentro de si mesmos. Até ossos e cabelos foram comidos, depois de queimados e misturados com mel de abelhas. Praticavam o ritual da jurema, no qual o pajé

entrava em contato com o mundo dos espíritos, embriagados com fumo e uma bebida feita da raiz da planta, a jurema (preta ou branca). Existia ainda uma cerimônia chamada aselyá, na qual eles celebravam a alegria com os primeiros frutos surgidos do umbuzeiro, com as primeiras chuvas e com o surgimento do inverno. Estes índios tinham por costume se dividirem em dois grupos, chamados moietés, durante as festas, aumentando assim a animação. Eles moravam no oeste do chamado "Cariri" na região de Monteiro, Sumé e Serra Branca.

02.02. A Língua dos Índios

Hoje em dia não existem mais pessoas que falam a língua dos índios. Alguns pesquisadores descobriram as diferenças entre as várias tribos fazendo uma análise da língua indígena, que na verdade é composta de muitas línguas. Eis aí algumas palavras:

Português	Tarairiú	Cariri
água	caité	dzu
cabeça	kreká	tçambu
cabelo	unj	du
casa	sekri	erá
comer	kringó	ami
dormir	gon-yá	unu
filho	ako	inhurae
fogo	kiró	isu
mão	koreke	musa
mulher	krippo	tidzi
nariz	sikrin	naembi
olho	aço	do
orelha	bandulak	benhé
pé	poiá	bu

Uma palavra da língua Cariri que nós guardamos até hoje na nossa língua cotidiana é a palavra banzé. Esta palavra quer dizer fumo de mal qualidade. Os Índios Cariris usavam o fumo para se embriagar durante as suas festas, que podiam durar dias. Assim, a palavra banzé ganhou um outro sentido: festa ruidosa, gritaria, bagunça. Para os Cariris Banzé era também o nome de um dos seus deuses.

A língua dos Índios ficou mais preservada em nomes de alguns lugares. Ipoeiras: o lugar aonde as águas se retiram; Caiçara, coberto de palha; Zabelê, o

pássaro que levanta vôo em pé; Tapuio, o Índio do interior e por isso sem civilização; Sucuru, o rio que passa em Sumé; Sumé, o nome do representante de Deus na terra, também chamado o pai velho (este nome foi transformado pelos Jesuítas em São Tomé, o apóstolo das índias, conforme a tradição); Quati, pintada; Cariri, o tristonho, calado; Borborema, a terra sem gente; Parahyba, águas ruins. Lugares que têm um nome indígena indicam lugares de uma história de habitação humana antiga. Os lugares que mantêm estes nomes até o dia de hoje mostram um respeito pelos antigos donos destas terras.

02.04. Obras que os Índios Deixaram

Em Camalaú se encontra o Sítio Pintada. Este nome foi colocado por causa de algumas pedras enormes, que mostram figuras feitas com uma tinta vermelha. Nós encontramos pinturas em muitos lugares dentro da nossa paróquia.

Os Índios Sucurus chamam a arte de pintar nas pedras de "kisanga". O povo a conhece como "letreiras dos flamengos", pensando na época que os holandeses passaram pelo Brasil. Essas pinturas porém nada têm a ver com os holandeses; elas têm a ver com os índios. Até hoje os cientistas souberam dizer pouca coisa sobre estes desenhos. Eles não sabem que tipo de tinta foi usado. É uma tinta resistente. Provavelmente ela é feita de terra com alto teor de ferro, ou de uma planta como a aroeira ou maniçoba e até tem gente que pensa num inseto (cochonilha). A idade é desconhecida também. Existe uma coisa em comum: todas elas foram feitas em pedras grandes (até 6 metros de altura) e principalmente pelo lado do norte (afastado do sol quente). Encontramos vários tipos de desenhos:

1. Mãos (veja figura 2.9). No sítio Pintada e perto de Cacimbinha encontramos pedras cobertas de mãos. Aqui, devemos nos lembrar que os Tarairiús acreditavam que as pedras podiam comer gente. Por isso é possível que fizeram culto para elas. As mãos podem ser interpretadas como gestos de carinho aos deuses destas pedras perigosas. Será que os desenhos marcaram lugares de culto? No sítio Pintada e no sítio São Miguel existem pedras ocas. Elas produzem um som bonito, batendo-se nelas com um objeto duro. Isso aumenta a probabilidade de que tenham sido lugares de culto.
2. Figuras abstratas (veja figura 2.4 e 2.7). Descartamos logo a interpretação que diz que foram feitas por extraterrestres. Tem uma explicação muito mais interessante. Os psicólogos conhecem um fenômeno que se chama de "fosfenos", que está sendo definido como "uma impressão luminosa que se experimenta comprimindo o globo ocular com a pálpebra fechada". Figura 1 mostra exemplos destes fosfenos. Eles parecem muito os desenhos rupestres que se encontram em vários lugares do mundo e em nossa paróquia. Nós estamos vendo os mesmos fosfenos, como os antigos índios.

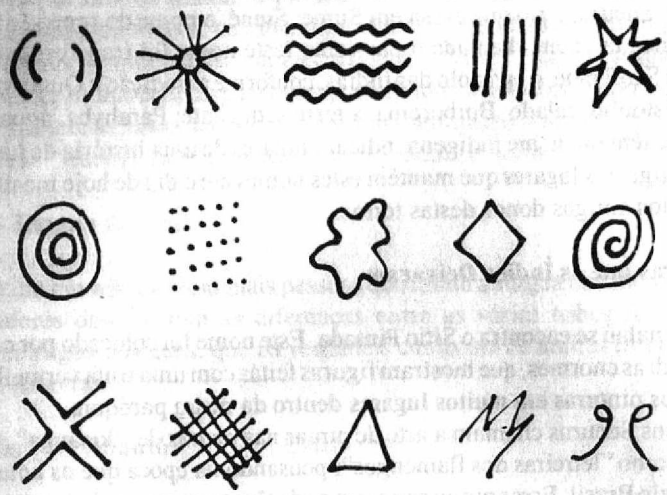


Figura 1. Exemplos de fosfenos.

3. Figuras representando objetos (veja figuras 2.1 e 2.2). No Sítio Encantado (São João do Tigre) descobrimos a figura de um globo, em cima do qual se vê uma cruz, e perto a figura de um terço. Frei Martinho de Nantes encontrou no ano de 1671 figuras iguais em Boqueirão e anotou no seu livro:
"No caminho tiveram encontros notáveis, nesses vastos desertos. Encontraram no meio de uma grande floresta, que atravessaram uma grande pedra de grã da altura de nove pés, larga na base, muito bem talhada, sobre a qual estava gravada a imagem de uma cruz de alto a baixo e na parte inferior um globo, ao lado duas figuras que não podiam ser distinguidas por causa do musgo e em derredor uma espécie de rosário gravado. Este encontro surpreendeu o padre e causou extrema alegria entre os Índios que o acompanhavam, que lhe disseram ter conhecimento desta pedra pela tradição dos seus antepassados, que lhes haviam dito existir nos bosques uma determinada pedra que, sendo encontrada pelos padres brancos, serviria de sinal de que eles seriam cristãos como os brancos. O sucesso da nossa missão comprovou a verdade dessa tradição profética".
O missionário só podia pensar em termos de fé e nem podia imaginar num outro sentido para estes desenhos. Hoje nós sabemos que os Incas usaram

um tipo de rosário para vários fins (veja 2.6). As anotações de frei Martinho mostram claramente que estes desenhos têm pelo menos 300 anos de idade.

4. Figuras que representam animais e pessoas (veja várias pinturas em figura 2). Já encontramos na paróquia desenhos de peixes, lagartos, cobras, tigres, vacas e bois. No Sítio Boqueirão existe a "Pedra da formiga" que não mostra formigas, mas uma fila dobrada de 72 cabeças de boi acompanhadas por vaqueiros.

De vez em quando encontramos perto destas pedras grandes, pequenos montes de pedras de diâmetro de no máximo 1,0 metro. Estas pedras pequenas sempre ficam em cima de terra queimada. A nossa primeira explicação era que aqui existia um cemitério de Índios. As escavações não deram em nada: não foram encontrados ossos. O pesquisador Hohentahl nos forneceu uma outra explicação. Os Índios tinham que comer quando iam caçar. O método de preparar a comida era simples: eles cavaram um buraco no chão, enrolavam a comida em folhas e faziam um fogo no buraco. Depois colocavam a comida dentro do buraco e cobriam-na com cinzas. Para os animais selvagens não roubar esta comida, colocaram pedras em cima. Terminada a caça, 8 horas depois, a comida estava pronta, quente e gostosa.

No Sítio Rajada em Camalaú encontramos quatro montes de pedras soltas, cada um com um diâmetro de uns 5 metros. O povo conhece estes montes como "casa dos caboclos". Foram feitas escavações mas o resultado foi pequeno. Encontramos pedaços de louça, alguns com uma ornamentação primitiva, e dois machados feitos de pedra. O sentido destes montes é um mistério.

No Sítio Barra existe uma gruta. Na parede se encontram escavações regulares, feitas na pedra dura. O chão está coberto de pedras grandes, debaixo das quais tem uma mistura de terra e cinzas. Aqui dentro encontramos esqueletos de pessoas humanas envolvidas em esteiras. Assim os Índios enterravam os seus falecidos. Certamente não é um lugar de gente considerada criminosa, porque estas pessoas foram executadas e os seus cadáveres jogados para os animais selvagens comerem. Pode ser que aqui se encontre um cemitério de pessoas vitimadas pela bexiga, as quais eram isoladas de suas comunidades, por medo de contágio. No município de S. J. do Tigre existe uma gruta parecida no sítio Pinturas.

02.04. Lendas dos Índios

Cada pessoa gosta de contar e lembrar certas estórias importantes para entender melhor o seu passado e o seu futuro, as suas origens e o seu destino. Estas estórias formam uma espécie de bíblia. As estórias conservadas dos Índios da nossa região são poucas. Descobrimos as seguintes:

"O grande Deus do céu, Touppart (Tupã é o Deus da trovoada), tinha mandado para a terra um grande amigo para morar com os Índios Cariris, o qual vivia com

eles, também nu. Parecia velho mas não sentia as fraquezas da velhice. Algumas vezes verificaram que a rede em que ele dormia era muito bonita e muito branca, conquanto de dia parecesse com as outras. Chamavam-no o Grande Pai (ou Avô). Recorriam a ele em todas as aflições, as quais ele sempre dava remédio. Um dia tiveram o desejo de comer porcos selvagens (nome indígena: javalis ou caititu). Pediram ao seu grande pai, que os prometeu. Saíram todos de sua casa e foram, como de costume, para as tarefas de todos os dias, deixando apenas os filhos menores de dez anos com este grande pai. Ele chamou a todos, um por um. "Vinde comigo, meus meninos". Vieram todos. Depois, passando a mão pela cabeça, ele os transformou em pequenos javalis e os despediu. Quando seus pais regressaram, por volta de meio-dia, não encontrando nenhum dos seus filhos, recearam que o grande pai houvesse feito alguma coisa com eles. Mas não ousaram perguntar-lhe onde estavam seus filhos, pois o respeitavam e temiam. Então ele lhes disse: Vocês queriam javalis, vão a caça e os encontrareis. Foram a caça mas o grande pai fez subir ao céu todos esses javalis, galgando a grande árvore que encontraram no caminho, e o grande pai subiu com eles. Os Índios perceberam que os javalis haviam subido ao céu pela árvore que haviam encontrado. Foram atrás deles, mas demoraram muito na perseguição. Desde que chegaram, encontraram muitos javalis: correram atrás deles e mataram muitos. No entanto, o velho encontrando-os no céu, na perseguição aos javalis, encomendou logo às formigas que abatessem a grande árvore em que eles haviam subido. As formigas se puseram logo em ação. É uma espécie de formiga vermelha, que tem dois pequenos bicos ou antenas na cabeça, com os quais corta facilmente as folhas das árvores. Os sapos se reuniram para deter as formigas, cercando a árvore com os seus braços. As formigas, para que saíssem, picaram-lhes rudemente as costas e eles abandonaram a árvore, pela dor das picadas. É daí que os sapos têm a pele rude e empolada nas costas. Mas as formigas derrubaram a árvore, de sorte que os Cariris, concluída a caça, quiseram descer do céu pela mesma árvore em que haviam subido, mas a encontraram derrubada. Ficaram espantados e temerosos. Atiraram diversas flechadas na árvore com o intento de levantá-la de novo. Ela fazia também esforços neste sentido e chegou a levantar-se um pouco, mas de novo caiu no solo. Resolveram então prender-se uns aos outros pela cintura, para fazer uma corda que lhes permitisse descer: mas a corda era curta. Eles caíram um após o outro e quebraram os seus ossos na queda. Daí então eles têm os dedos das mãos e dos pés partidos em tantos lugares e dobram o corpo. Enfim regressaram as suas casas arrebentados. Cheios de caça, fizeram grandes banquetes as custas dos seus filhos transformados em javalis. Em seguida rogaram ao grande pai para que voltasse em companhia deles. Mas ele não os quis atender e lhes deu o fumo como compensação. Eles denominaram o fumo: banzé. E por essa razão fazem suas oferendas com o fumo".

"Houve um tempo que os Cariris eram numerosos e não tinham mulheres,

senão uma única, que era bela e jovem, mas ainda não se casara. Pediram ao grande Pai que lhes desse mulheres. Ele o prometeu e mandou a todos que fossem caçar. Em seguida disse a essa moça que catasse piolhos na sua cabeça. Ela obedeceu mas adormeceu e morreu. O grande pai a dividiu em tantos pedaços quantos eram os homens da tribo e deu a cada um o seu pedaço, recomendando que o envolvesse em algodão e o pendurasse em determinados lugares de sua casa, e que fossem depois a caça e não voltassem senão depois de alguns dias. Regressaram no tempo marcado e escutaram ao se aproximar da casa o vozerio de todas essas mulheres, já ocupadas em preparar a comida de seus maridos".

"Houve uma época que não tinha sol. A seriema tinha o sol como dono mas o guardava em sua boca, usando a luz só para procurar a sua própria alimentação e ela não quis dividir o sol com ninguém. Um homem importante decidiu libertar o sol e junto com alguns dos seus companheiros seguiu a luz do sol até ela desaparecer; seriema tinha fechado o sol na sua boca, assim escondendo o sol. Os homens fizeram armadilhas para a seriema e começaram a fazer barulho. A seriema acordou com medo e fugiu primeiro para o norte, mas encontrou lá uma armadilha. Depois fugiu para o sul e lá encontrou outra armadilha. Ela fugiu para o leste e o oeste mas lá havia armadilhas também. Os caçadores prenderam-na e abriram o seu bico, libertando o sol. Desde aquela época nós ouvimos a seriema cantar quando começa a chover: ela quer o sol de volta".

"Itam, criança alva, de cabelos loiros e olhos azuis, nasceu na tribo Sucuru, de uma jovem, morena, de olhos e cabelos negros, como os da sua raça, e filha de um dos mais famosos guerreiros. Isso causou o maior espanto. Todos acreditaram que a criança era filha de um Deus. Pela sua origem divina foi adorada pelos guerreiros Sucurus".

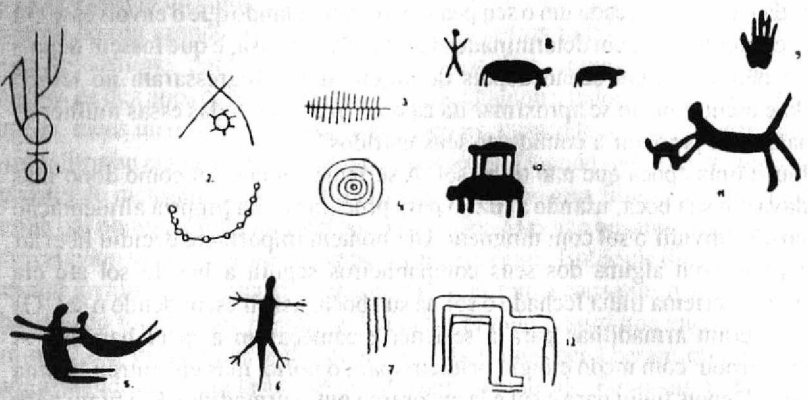


Figura 2. Desenhos dos Índios, encontrados na paróquia.

A lenda de Itam tem raízes na lenda Mani, que fala da mandioca que tem suas origens no nordeste. Em tempos idos apareceu grávida a filha de um chefe selvagem, que residia nas imediações do lugar em que está hoje a cidade de Santarém. O chefe quis punir, no autor da desonra de sua filha, a ofensa que sofrera seu orgulho e, para saber quem ele era, empregou debalde rogos, ameaças e por fim castigos severos. Tanto diante dos rogos como diante dos castigos, a moça permaneceu inflexível, dizendo que nunca tinha tido relação com homem algum. O chefe tinha deliberado matá-la, quando lhe apareceu em sonho um homem branco, que lhe disse que não matasse a moça, porque ela era inocente e não tinha tido relação com homem. Passando os nove meses deu à luz uma menina lindíssima e branca, causando este último fato a surpresa, não só da tribo, como das nações vizinhas, que vieram visitar a criança, para ver aquela nova e desconhecida raça. A criança, que teve o nome de Mani e que andava e falava precocemente, morreu ao cabo de um ano, sem ter adoecido e sem dar mostras de dor. Foi enterrada dentro da própria casa, onde era descoberta diariamente, sendo também diariamente regada a sua sepultura, segundo o costume do povo. Depois de algum tempo, brotou da cova uma planta que, por ser inteiramente desconhecida, deixaram de arrancar. Cresceu, floresceu e deu frutos. Os pássaros que comeram os frutos embriagaram-se e este fenômeno desconhecido dos índios, aumentou-lhes a superstição pela planta. A terra, afinal, fendeu-se: levaram-na e julgaram reconhecer, no fruto que encontraram, o corpo de Mani. Comeram-no e assim

aprenderam a usar da mandioca.

"Sumé, o grande pai, ensinou aos Índios o cultivo da mandioca, a arte de fazer farinha e a prática de fazer o bem".

Obs. : Sumé é Tamoi ou avô ou grande pai.

"Um grupo de Índios Sucuru estava caçando no mato perto do lugar que se chama hoje Vila de Cimbres. Chegando num lugar aberto, eles descobriram uma pequena imagem pintada, representando uma mulher. A imagem estava colocada num tronco. Eles levaram a imagem para a casa, mas no dia seguinte a imagem tinha desaparecido e depois de uma busca encontraram-na no mesmo lugar. Isso se repetiu três vezes. Depois entenderam que a imagem devia ficar naquele lugar. A imagem recebeu o nome de Nossa Senhora das Montanhas e para ela foi construída uma capela, a capela de Cimbres. Até hoje a imagem se encontra lá, ainda no seu tronco e no poder dos descendentes dos Índios Sucurus".

02.05. A Guerra dos Bárbaros. A Eliminação dos Índios no Cariri.

Para muitos de nós, a palavra guerra é uma palavra que dá medo, uma palavra que ninguém gosta de pronunciar, mas no mesmo instante uma palavra que faz a gente dizer aliviado "Graças a Deus, nunca houve guerra aqui".

Infelizmente isso não é verdade. O que acontece, é que nós gostamos de esquecer as coisas ruins do passado e, por isso, não sabemos que estas terras nossas foram pisadas por guerreiros que se banharam no sangue de inúmeros inocentes. Foi a agressão do homem branco, que veio de Portugal, contra a população original do Brasil, os índios. Para eles, o fato de serem descobertos, constituiu uma tragédia de grandes proporções. A cobiça e a avidez dos brancos não respeitava nada: tudo o que tinha valor era alvo dos seus interesses até as próprias terras. Aqui começou o que nós chamamos hoje a "luta pela terra". E, aqui, devemos procurar os motivos pela má distribuição das terras e do latifúndio. Os Índios não podiam aceitar este roubo e tantas violações dos seus direitos mais elementares. Eles começaram a se defender. O período mais forte da sua resistência na nossa região se chama "a guerra dos bárbaros". "Bárbaros" é o nome que os brancos deram aos seus adversários, os Índios. Esta guerra durou de 1650 até 1720, começando depois da expulsão dos Holandeses, quando os portugueses iniciaram a sua conquista do interior do país. O início da guerra foi a favor dos Índios que conheciam muito melhor a região. Algumas tribos (os Janduy) até tinham se aliado aos Holandeses para expulsar os Portugueses. Estes também tinham dificuldades em se organizar. Isso mudou com a vinda do famoso bandeirante Domingos Jorge Velho em 1687, o homem que tinha acabado com o Quilombo dos Palmares, o reduto de resistência dos escravos foragidos. Com este homem começaram as mais horríveis crueldades: violações, matanças de mulheres e

crianças, mentiras, traições, torturas, etc. Foi uma verdadeira chacina, executada com tanta eficiência que, no final desta guerra, quase não sobrou nenhum Índio.

Todos eram contra os Índios? Graças a Deus, nem todos. Uma boa parte dos missionários da igreja tentou proteger os Índios contra os ataques vergonhosos. Por isso fundaram "missões" ou "aldeias", lugares onde eles podiam viver em liberdade mas no regime da igreja. Assim, os padres Oratorianos criaram em 1654 uma missão na atual Vila de Cimbres entre os Índios Sucuru. Os Jesuítas criaram uma missão entre os Índios Cariris em 1700, em São João do Cariri. Os capuchinos franceses (frei Martinho de Nantes) tinham missões entre os Cariris tanto em Boqueirão como no rio São Francisco desde 1671. E os Jesuítas tinham uma fazenda em Fagundes, de 1634 até 1670, onde moravam Índios também. É difícil julgar hoje o comportamento da igreja. Só podemos dizer que muitos dos seus representantes se opuseram às intenções de Portugal com relação aos Índios.

Na medida em que os brancos conseguiram acabar com os Índios, as tensões no meio deles aumentaram, transformando a guerra dos bárbaros numa guerra dos brancos. Nesta guerra, os missionários se opuseram aos bandeirantes, os latifundiários aos moradores, os vaqueiros aos plantadores. Esta guerra continua fazendo vítimas até hoje.

02.06. Influências dos Incas na nossa região

Faz mais ou menos 45 mil anos que três grupos de nômades passaram da Ásia, do velho mundo, para América do Norte, o novo mundo, pelo Estreito de Bering. Eles seriam os primeiros habitantes das Américas. Um destes grupos desceu para América Central. Este grupo se dividiu e alguns grupinhos pequenos passaram pelo istmo de Panamá para América do Sul. Lá eles se espalharam e se desenvolveram quase sem contatos com o resto do mundo, inclusive os outros povos famosos da América como os Aztecas e os Mayas. Por isso todos os índios da América do Sul pertencem fundamentalmente a uma família só e por isso todos eles tem muitas coisas em comum. No meio destes povos são os chamados Incas que dominaram o nosso continente desde 1300 até a chegada dos Espanhóis em 1500, fundando um dos maiores reinados da história do mundo. Este reinado estava muito bem organizado, dava oportunidade a todos a uma vida digna e acabou com muitos barbarismos como por exemplo o canibalismo. Na cultura dos Incas reconhecemos características dos Índios da nossa região.

Em primeiro lugar olhemos as pedras. Elas tinham um valor grande na vida dos nossos Índios. Acreditaram que podiam comer gente e usaram-nas para as suas pinturas e como lugares de culto. Os Incas tinham igualmente uma superstição com as pedras. Acreditavam que o fundador da capital do seu reinado tinha se transformado numa pedra. Acreditavam também que os deuses não só moravam

nas montanhas, mas que eles eram montanhas e que podiam matar pessoas jogando pedras (avalanches etc.). A história da fundação de Santa Maria prova que o perigo de pedras caindo era real.

Olhemos agora figura 2.2. A primeira vista nós estamos vendo um rosário como frei Martinho viu. Mas estudando a cultura dos Incas, nós descobrimos como eles conheciam o "quipu". O quipu era uma coleção de cordas nodadas de cores diferentes. Os cientistas concordam que o quipu era um instrumento para gravar coisas importantes, desde que os Incas não conheciam livros e letras. O quipu podia ser usado para contar (estatística), como calendário e para gravar poesias ou até a história do povo. Existiam pessoas especiais para usar, fazer e interpretar os quipus: os quipucamayus.

Em terceiro lugar consideramos figura 2.12. Que semelhança com tantas figuras retangulares que os Incas deixaram nas suas obras de arte! Na mesma pedra encontramos um desenho grande do sol. O sol era o Deus supremo para o povo dos Incas. Toda a sua religião era voltada para ele.

Em quarto lugar temos que lembrar o tigre ou melhor a onça. O nosso município recebeu seu nome porque aqui foram mortas várias onças grandes. No reinado dos Incas existem muitas provas que a onça foi considerado um Deus forte. Existem estátuas de homens com a cabeça de uma onça. Uns ganharam o respeito de todos quando matavam uma onça. Outros respeitavam demais a onça e se deixaram devorar por ela. Outros ainda perderam a vida caçando zabelê, nem sabendo que a onça podia imitar o canto deste pássaro.

O último ponto interessante de citar aqui é a organização dualista da sociedade dos Incas: a sua sociedade estava dividida em dois grupos. Será que o nosso pastoril e o nosso jeito de fazer política tem a ver com este fenômeno?

03. REGIÃO DE POUCO INTERESSE

A nossa região sempre foi uma região meio esquecida e de pouco interesse. No sul, limitada por uma serra comprida e alta; no norte limitada por uma "estrada" que os historiadores já conhecem desde 1738. Nesta época existia a possibilidade de viajar de Recife para Carinhanha-Ba pelo Capibaribe. Esta viagem passava por Poço Fundo, Poço Verde, Sucuru, Conceição, São Paulo, e São Pedro, atualmente mais ou menos a linha de Jataúba, Pindurão, Congo, Sumé, Prata e Ouro Velho. Entre esta pista no norte e a serra no sul, havia uma terra incógnita, terra onde pessoas que tinham cometido um crime podiam se esconder fora do alcance da lei. O que aconteceu nesta região depois e durante as invasões dos estrangeiros até a fundação de São João do Tigre, nunca vai ser explicado totalmente.

03.01.Os Oliveira Lêdo

A família Oliveira Lêdo é considerada a família que desbravou a Paraíba "domesticando os Índios", descobrindo terras novas, promovendo o povoamento e explorando suas terras, principalmente com gado. Ela, assim, contribuiu mais do que a famosa casa da Torre da Bahia, cujos membros "descobriram" a Paraíba e ganharam muitas léguas de terra. A relação entre os dois fica mais clara quando é lembrado que a família Oliveira Lêdo arrendava terra a esta casa por um preço irrisório (como ovos ou uma galinha). A família Oliveira Lêdo veio diretamente de Portugal e Antônio, Custódio, Pascácio e Constantino começaram a explorar o interior da Paraíba. Antônio foi aquele que convidou o frei Teodóro de Lucé para Boqueirão (1670), para "domesticar" os Índios de lá. Pascácio foi o homem que roubou Maria Lins e que soube enganar o seu sogro no rio São Francisco, voltando pelo Pajeú e a Paraíba e se estabelecendo perto de Boqueirão, dando origem as famílias Farias e Mariano. Com os anos chegaram mais parentes para ajudar. O mais famoso seria Teodósio, que aldeou Índios Ariús (de Piancó) numa grande campina (em 1679). Aqui nasceria Campina Grande. Foi ele que convidou um franciscano para a cura de suas almas (1699).

Nesta época, os desbravadores receberam sesmarias como doações (cartas de doações) e, assim, esta família recebeu muitas terras (até 1697 tinha recebido sesmarias de 50 por 20 léguas, depois só de três por uma légua). Os velhos da nossa região se lembram como as terras antigamente pertenciam a Oliveira Ledos. O nome da família fundadora de Camalaú, Oliveira, indica também um tipo de consangüinidade com ela.

03.02. Os Flamengos

O nome "Flamengo" é atribuído ao povo de alguns Estados litorais da atual Holanda, que durante os anos de 1624 até 1654 tentaram ocupar o Brasil querendo arrumar mais uma colônia com a sua companhia das Índias Ocidentais. Flamengo deve ser entendido por isso como um outro nome para Holandês. Apesar do pouco tempo da sua presença, eles deixaram uma grande marca no Brasil: De um lado, a sua expulsão alimentou os sentimentos de nacionalismo e patriotismo e deu ao povo brasileiro uma identidade própria. Do outro lado impressionaram a muitos, principalmente pelo governador, que só reinou durante 7 anos: o conde Maurício de Nassau. Ele governou com tolerância e com o maior respeito por tudo o que encontrou aqui. Para entender melhor este novo mundo, trouxe cientistas da Europa que até hoje estão sendo consultados. Neste livrinho devem ser mencionados: Elias Herckman e Albert Eckhout. O primeiro fez viagens no interior do Estado da Paraíba e anotou o que viu e encontrou no seu livro "Descrição Geral da Capitania da Paraíba". Tornou-se o primeiro historiador deste Estado. O segundo era pintor; ele deixou 7 telas de pessoas humanas do Novo Mundo. Quatro telas apresentam Índios. Duas telas de "Índios mansos" (um homem e uma mulher) do litoral, os chamados Tupis, e duas telas (um homem e uma mulher) de "Índios brabos" do interior, os chamados Tapuios ou Tarairiú que tinham fama de comer gente. São as mais antigas representações do homem do Novo Mundo.

Os Holandeses nunca conseguiram ocupar todo o território do Brasil, que naquele tempo nem estava marcado. Eles ocuparam alguns anos o litoral da parte mais importante do Brasil: o Nordeste. A faixa que eles ocuparam, se estendeu do mar até 200 quilômetros no interior. Por isso, nunca ocuparam o território da nossa paróquia. Isso é mais uma prova que os desenhos nas pedras não são deles. Mesmo assim, nós encontramos no município do Tigre uma coisa interessante: a pedra dos Flamengos. Esta pedra é a parede de uma serra de uns 30 metros de altura. No pé desta pedra existem desenhos dos Índios, mas isso não pode ser o motivo do seu nome: muitas pedras têm desenhos, sem ter este nome. Os moradores daquela região afirmam que antigamente moravam Holandeses aqui. Uma explicação seria que eles eram soldados que tinham fugido do seu exército e se escondido nestas terras abandonadas. Perto deste lugar, nós encontramos garrafas de cachaça holandesa com o nome de Amsterdam e o nome de uma família holandesa: van der Linden.

03.03. Os Negros

Os negros, como os brancos, são estrangeiros no Brasil. A sua presença foi forçada e não voluntária como a dos brancos. Estes precisavam demais deles para poderem explorar as terras deste continente. A sua história é mais triste que a dos Índios. Eles foram tirados da sua terra natal, transportados em viagens horríveis

para o Novo Mundo e lá, serviam de mão-de-obra barata para os seus senhores e sofriam todo tipo de crueldade. A igreja que tentou proteger os Índios, falhou aqui completamente. Houve cartas dos papas contra a escravidão, mas em geral, tinham pouco efeito. Os próprios missionários tinham direito a uma certa quantidade de escravos e, aparentemente, não tinham muitos escrúpulos sobre isso (nem a bíblia condena escravidão). No século passado foram dados vários passos para acabar com a escravidão: a Lei do Ventre Livre de 1871 (crianças antes de nascer já são livres), a Lei dos Sexagenários de 1885 (velhos são livres) e a Lei Áurea, de 1888 que acabou com todo tipo de escravidão. Na nossa paróquia, nós temos muitas lembranças deste episódio tão vergonhoso da História da humanidade.

A influência negra existe em todos os cantos. Quem analisa os ditados populares, descobrirá muitíssimos preconceitos contra gente preta (preguiçosa, exibida, cachaceira, etc.). O feijão de corda que nós comemos, vem da própria África e foi trazido para cá pelos escravos que não podiam deixar os seus costumes alimentares. Este feijão gosta de um clima quente e seco e se adaptou muito bem ao nosso Cariri. Na fazenda de Camalaú Velho tinha um tronco ou pelourinho. Este tronco servia para amarrar gente (principalmente escravos) que não queriam obedecer aos seus senhores. Amarrados eles podiam ser torturados. O tronco era comparável ao mourão que se usa até hoje nos currais para amansar bois. Existem na paróquia pessoas cujos pais nasceram na época da Lei do Ventre Livre.

Nós conhecemos na paróquia três lugares com uma concentração maior de gente preta. Estes lugares podem ser chamados quilombos? No município de São João do Tigre existe o lugar chamado Pátio do Roçado perto de Cacimbinha. O povo d'aqui é conhecido por seus costumes diferentes. Esta gente tem pouca leitura e participa pouco da igreja. Eles são pretos e tem um complexo grande de inferioridade. O patriarca e a matriarca deste povo são João Caetano e sua mulher mãe Teresa, a parteira da região. João faleceu mais ou menos no ano de 1940 e era cangaceiro de doutor Santa Cruz de Monteiro. Este povo, sendo paupérrimo, sempre foi pedir ajuda em Cacimbinha, principalmente na casa do velho Antão. Assim nasceu o ditado popular "Vá pedir lá em Cacimbinha". O segundo lugar fica em Camalaú: a chamada "Rua Preta" ou Roça Velha. Lá moram os descendentes de um escravo famoso de nome Avelino. Ele era escravo do fazendeiro Domingos Ferreira de Brito, o qual doou o patrimônio a São José. Domingos colocou o nome Avelino no seu escravo e deu-lhe uma imagem de madeira, medindo 40 centímetros representando este santo. Não se sabe porque ele colocou o nome deste santo italiano e desconhecido em seu escravo (o nome completo era André Avelino e em 1500 ele se destacou como um padre dedicado). Seja como for, a história conta que ele era um homem especial. No dia que os escravos de Domingos ouviram falar da lei da sua libertação, a alegria foi grande. Todos cantavam e dançavam, festejando o fim dos seus sofrimentos. Só Avelino ficou parado vendo as lágrimas

do seu patrão que não sabia como administrar as suas terras sem trabalhadores (até aquele ano o escravo entrava no inventário como boi). Ele falou "Jojô, não fique aborrecido, mesmo todos eles indo embora, eu ficarei para lhe servir". E assim o fez. Os seus descendentes estão morando nas terras que antigamente eram deste Domingos, mas que hoje são suas. O terceiro lugar aonde se pode falar de um antigo quilombo é Zabelê. Aqui aparece até um homem de Palmares como um dos fundadores. É muito provável que Zabelê é povoado por descendentes dos antigos escravos, que fugiram das crueldades de João José da Silva e que ajudaram na construção da sua capela em Santa Clara.

No berço da cidade do Congo, vizinha da nossa paróquia, nós encontramos também um negro. Congo era antigamente uma fazenda: a fazenda Santa Ana. Certo dia o seu dono foi andando nas suas terras e descobriu no meio do mato uma casinha e uma capelinha em construção. O construtor era um escravo fugido de nome Congo. O fazendeiro se agradou da construção e mandou Congo a terminá-la. Depois, os dois foram para o sul, o fazendeiro conseguiu comprar este escravo e o trouxe de volta. Esta história é de mais ou menos 1700; o ano em que aparece o nome da capela do Congo no livro dos batismos.

03.04. A Presença da Igreja Católica

A igreja católica começou a marcar presença neste interior depois da saída dos Holandeses. Os primeiros missionários a entrar foram os franceses que fundaram uma missão no meio dos índios Cariris num lugar perto de Boqueirão, o centro mais antigo de habitação européia no Cariri. Um deles foi frei Martinho de Nantes, que ficou só 8 meses aqui e depois foi trabalhar no meio da mesma tribo na rio São Francisco. Ele escreveu um relatório sobre sua missão e ficou conhecido como "apóstolo dos Cariris". Este francês era padre capuchino e o seu convento ficava em Salvador.

Mais ou menos no ano de 1700, Jesuítas fundaram uma missão em São João do Cariri. Esta missão logo foi transferida aos padres seculares. Nesta época São João do Cariri era mais importante do que Campina Grande, mas a última cidade começou a crescer e, provavelmente devido ao clima mais favorável, tomou a frente e se tornou o centro da região. Mesmo assim, São do João ficou sendo paróquia. Esta paróquia era enorme porque a ela pertenciam as atuais paróquias de Sumé, Serra Branca, Monteiro, e São Sebastião do Umbuzeiro. A padroeira de São João do Cariri, Nossa Senhora dos Milagres, pode ser considerada a padroeira de todo o Cariri. Os seus vigários fizeram viagens de desobriga para atender ao povo que estava morando espalhado neste vasto mundo de mata e caatinga. Foram fundadas capelas como Congo (1775), Sumé (1819), Pariti, Monteiro (1830), Santa Maria (1840), Santa Clara (1863), São Sebastião do Umbuzeiro (1873), Ouro Velho, Prata

e Serra Branca. Em 1865, foi fundada a paróquia de Monteiro, a qual São João do Tigre pertencia até a criação da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro em 1912.

É claro que a maior influência da nossa paróquia veio do "Norte", de São João do Cariri, mas também teve influência do sul de Cimbres. Desde 1680 existe lá a capela de Nossa Senhora das Montanhas, que se tornou logo a matriz de uma paróquia. Mas, da mesma maneira que São João do Cariri perdeu a sua hegemonia sobre Campina Grande, a vila de Cimbres devia ceder por Pesqueira. Cimbres ficou mais perto da nossa paróquia do que São João do Cariri. Por isso o seu vigário deve ter socorrido muitas vezes os fiéis nesta região.

03.05 A Civilização do Couro

Vendo a popularidade das missas do vaqueiro e todas as festividades organizadas para ele, nós sentimos que estamos mexendo aqui com a alma do povo. Uma mulher disse: "Todos nós sentimos como o sangue destes homens também corre em nossas veias". O interior do Brasil, e especialmente estas regiões áridas, serviam principalmente para pecuária. Isso, conforme a opinião dos mais famosos e entendidos agrônomos, que dizem que elas servem melhor usando-as para a produção de animais. A pecuária para produção de carne e tração animal estava a serviço do povo que morava no litoral. Todos que trabalhavam com o gado e criação, usavam roupas feitas de couro para se proteger (e os cavalos), contra uma vegetação cheia de espinhos. Desta cultura dos vaqueiros, outros elementos fazem parte como o mourão, o curral, o machismo, a música, a resistência, a fé.

04. OS PADRES QUE PASSARAM POR SÃO JOÃO DO TIGRE

Falando dos padres que passaram por São João do Tigre, nós não podemo-nos contentar em só falar dos padres da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro, porque esta paróquia é nova ainda. Estudando o pioneirismo missionário, podemos citar o frei Martinho Nantes como padre a trabalhar na região, mesmo nunca tendo passado por São João do Tigre. Ele era missionário numa época que não existiram paróquias propriamente ditas. Em 1756 foi fundada a paróquia de São João do Cariri e desde então os seus vigários vão assumir toda a região. Em 1865 fundou-se a paróquia de Monteiro e agora os seus vigários assumirão o trabalho pastoral em São João do Tigre. No ano de 1912 foi criada a paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro e os seus vigários começam a viajar nas "terras da onça". As nossas pesquisas não revelaram a lista completa dos padres, contudo, nos possibilitam a dar uma impressão.

04.01. Frei Martinho de Nantes

Este padre francês pertencia a ordem dos capuchinos, um ramo dos franciscanos. Ele ingressou na ordem no dia de 11 de novembro de 1659. Foi mandado para Recife e chegou ao Brasil no dia 30 de agosto de 1671. Viajou para Boqueirão com a tarefa de ajudar o seu confrade na catequese dos Índios Cariri. Ele ficou aí só 8 meses. Depois voltou para Recife e de lá foi ao rio São Francisco. Aí moravam Índios Cariri também. Ele trabalhou no meio deles nos lugares Aracapá e Cavalo. Em 1682 tornou-se superior do hospício da Penha - Ba. Em 1688 foi para Portugal e no dia 19 de dezembro voltou para a França. Em 1706 ele era guardião do convento de Quimper, Bretanha. Neste ano foi publicado o seu livro sobre os Índios Cariri: "Relação de uma missão no Rio São Francisco". No seu livro ele defende os Índios contra as crueldades da família de Francisco Dias d'Avila. Além deste livro escreveu um dicionário da língua Cariri, um exame de consciência, um método para confessar e algumas vidas de santos em duas línguas (Cariri e Português). Ele é considerado como o "Apóstolo dos Cariris".

04.02. Padres da Paróquia de São João do Cariri

Aqui nós não podemos dizer muita coisa com certeza. Destaca-se um padre que nasceu na fazenda Cachoeirinha (São João do Tigre) no dia 26 de novembro de 1828 e filho de Francisco Ferreira e Francisca Izabel, um dos quatro casais de irmãos e irmãs da família Ventura: Mons. Estanislau Ferreira de Carvalho. Ele foi batizado na capela de Sant'Ana do Congo. A sua vida ficou mais conhecida porque ele fez um tipo de crônica dela. Nós seguimos as suas anotações:

"Tendo eu mostrado inteligência na eschola de instrução primária, meu pai, posto que pobre, tomou a deliberação de me abrir a carreira eclesiástica. Assim no dia 14 de julho de 1839 matriculou-me na aula particular de Latim do doutor José Theodoro Cordeiro, na Villa do Brejo da Madre Deus... No dia 18 de janeiro deste ano de 1843 entrei eu no seminário de Olinda com a idade de 14 anos... Aos trinta de março deste ano de 1844, prestei exame de Rhetorica, que tinha estudado particularmente, durante as férias: fui aprovado plenamente. Não podendo ser admittido a matrícula de Theologia, por não ter a idade requerida, por uma resolução do Ordinário, então para não perder tempo, resolvi estudar geographia e francês... Nesse mesmo anno de 1844, associando-me a uma grande maioria dos meus collegas que vierão ao palácio da Soledade representar ao bispo pelo tratamento que lhes dava o rude reitor do seminário, cônego Gurjão, em pena desse uso legítimo do direito de petição, fomos todos expulsos... Finalmente em 7 de julho de 1847 fiz exame e fui aprovado em Theologia Moral, terminando assim meu curso theologico na idade de 19 anos..." Depois ele foi ensinar no sítio. Foi ordenado padre no fim de 1851 e voltou para a casa do seu pai que tinha comprado a fazenda Ipoeiras e assumiu a capela do Congo. Em abril de 1853 foi nomeado por Cimbres e ficou lá até 1857. Em 1865 foi estudar direito no Recife e recebeu o grau de bacharel em 1869. Abriu um escritório lá e trabalhou aí durante um ano. Dia 24 de fevereiro de 1971 fundou uma povoação no lugar Poção. Depois seguiu a carreira eclesiástica. Se tornou homem de confiança do bispo de Recife dom Vital, aquele que teve que enfrentar a cadeia por não querer se curvar pelo governo (1874), foi nomeado promotor do Juízo Eclesiástico até 1878, foi regedor do gymnasio pernambucano. Em 1881 foi nomeado vigário geral da diocese de Olinda, em 1894 recebeu o título de Cônego Honorário da Santa Igreja, em 1899 ficou prelado doméstico do papa e em 1903 protonotário apostólico ad instar participantium. Mudou-se para o convento do Carmo e faleceu no dia 6 de agosto de 1916 no hospital dom Pedro II.

A sua vida mostra como um rapazinho inteligente do sítio, podia fazer uma carreira eclesiástica.

04.03. Os padres da paróquia de Monteiro

No ano de 1865 Monteiro se tornou paróquia, independente de São João do Cariri. Agora os seus vigários vão visitar São João do Tigre.

A lista dos vigários de Monteiro cita os seguintes:

1866 - 1868 Pe. Alípio Emiliano Cordeiro Cunha
1868 - 1870 Pe. João Batista de Arruda Melo

1870 - 1879 Pe. Alípio Emiliano Cordeiro Cunha
1880 - 1884 Pe. Francisco de Ananias Castro
1884 - 1888 Pe. Pedro J. Ramos
1888 - 1902 Pe. Manoel Ubaldo de Castro Mendes
1903 - 1904 Pe. José Betânia Gouveia Nóbrega
1905 - 1911 Pe. João Maranhão Gomes

A lista dos vigários não cita Pe. Manoel Ubaldo da Costa Ramos que trabalhou em Monteiro nos anos 1870 como uma fonte de pesquisa diz. A mesma fala que este padre, de apelido Neco, era dedicado e operoso e querido por seus amigos. Ele "deixou extensa e sadia filharada em Monteiro, com uma mulher que lhe fez companhia ali..."

Do Pe. Pedro Ramos, o famoso historiador Paraibano I. Joffily escreveu:

"O juiz de direito, que não tinha tomado a menor parte na política da comarca, hospedava então o candidato conservador e pedia votos para ele. Tornando-se conhecida a cabala do juiz de direito, o vigário levou-a a mal e dirigindo-se à sua casa, sem mais preâmbulo e perante numeroso auditório, apostrofou-o do seguinte modo: - Então como é isso? Chegou nesta terra tão santinho e agora está botando as mangas de fora. Que cabala é esta? - Os espectadores a muito custo puderam conter o riso. O juiz de direito corou perante a pública reprimenda; e procurou disfarçar a sua grande contrariedade, respondendo cortezmente e pela negativa. Era este o assunto da conversa geral na vila de Monteiro, quando cheguei".

04.04. Os padres da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro

Antes de dar os nomes destes homens devemos lembrar que pelo menos três filhos desta paróquia se tornaram padres: o já falado Mons. Estanislau, o Pe. Moacy que nasceu em Santa Maria, e o frei Herculano de Souza, que nasceu em São João do Tigre e que celebrou a sua primeira missa em São Sebastião do Umbuzeiro. Ele morreu jovem, incendiado dentro de um carro.

04.04.01. Pe. Arthur Enéas Cavalcante (03.06.1887 - 20.03.1919).

Filho de Benevenuto de Souza Cavalcante e Clarissa Benevenuto Cavalcante, ele era natural de São João do Cariri. Os seus pais pertencem a família fundadora de Cabaceiras, a família de Pascácio de Oliveira Ledo e Domingos de Farias Castro, uma família que deu a igreja 5 padres e um bispo. Arthur era o único filho

homem ao lado de três irmãs. Com dois anos perdeu o seu pai e por isso os filhos receberam um tutor: Pe. Joaquim Enéas Cavalcante, morador de São José das Pombas (Pariri). Não é de admirar que este tutor inspirou nele a vontade de ser padre. Ordenou-se no dia 19 de março de 1911 e foi vigário da nossa paróquia de 1912 até 1915, sendo ao mesmo tempo vigário de Monteiro. Assumiu a paróquia de Monteiro até 1917. Parece que depois ficou doente e morreu jovem, antes de completar 32 anos, provavelmente de tuberculose. Ele era dócil e simpático na opinião do povo.

04.04.02. Frei Odilon Gelhaus o.f.m. (30.11.1870 - 22.01.1930).

Filho de Alberto Gelhaus e Fernanda Mertens e natural de Hampenhausen, Alemanha. O seu nome de batismo era Eduardo. Entrou no convento dos franciscanos com o desejo ardente de seguir São Francisco em tudo. Ele tinha, naquela época, o costume de fumar. Quando entrou no convento, situado numa ilha no meio de uma lagoa, jogou o seu cigarro dentro da água, passando pela ponte e disse: "Este foi meu último". Na verdade nunca mais fumou. Chegou ao Brasil no dia 10 de julho de 1894, fez os seus votos perpétuos e foi ordenado padre no ano seguinte no dia 23.05.1897. Trabalhou em muitos lugares do Nordeste e durante anos desempenhou o cargo de missionário popular. Mas ele tinha um talento especial, que serviu demais numa época de expansão: a construção. Foi vigário de São Sebastião do Umbuzeiro de 1915 até 1919, tendo como base dos seus trabalhos o convento de Pesqueira. Neste convento, assumiu as construções e na nossa paróquia fez a casa paroquial no ano de 1915. Esta casa paroquial parece um mini-convento e como podia ser diferente? Devido a sua fama de frei construtor, foi chamado para a Alemanha, no ano de 1925, para ajudar na construção do Colégio Missionário de Bardel. Aqui, como em todas as outras obras que ele assumiu, combinava eficiência a um talento para organizar e distinguir entre prioridades e coisas do segundo plano. Faleceu cinco anos depois, no Brasil.

04.04.03. Pe. José Júlio Cavalcante (03.07.1884 - 1954)

Filho de José Cavalcanti de Carvalho (capitão Cazuza) e Maria Cavalcanti de Albuquerque Brito, ele era natural de Pesqueira. Era o sexto de nove filhos. Joaquim Elysio, um irmão três anos mais velho, já era padre. Ordenou-se no dia 15 de março de 1919 em Pesqueira e logo em seguida foi nomeado padre de Cimbres, distrito de Pesqueira. Durante os anos de 1919 e 1920 assumiu também a paróquia de Umbuzeiro mas logo depois foi transferido para Gameleira e de lá para Afogados-Recife, onde ele trabalhou muitos anos junto com o seu irmão.

04.04.04. Pe. Antônio Francisco de Barros Ramalho (17.06.1882 - 1954).

Filho de Francisco Manoel de Barros e Amanda Guedes de Barros Ribeiro, ele era natural de São José do Egito - Pe. Ordenou-se no dia 12.11.1905 na diocese de Olinda. Foi vigário de Monteiro de 1920 até 1930 e assinou na sua despedida de lá com o nome de cônego Antônio Ramalho de Alencar. Foi vigário da nossa paróquia de 1920 até 1922. Assumindo as duas paróquias, e a nossa tendo um acesso muito difícil, é claro que a sua assistência não podia ser das melhores. Em 1930 foi transferido para Umbuzeiro de Natuba, aonde ficou até a sua morte.

04.04.05. Frei Fernando Oberborbeck o.f.m. (29.10.1868 - 12.11.1946).

Filho de José Oberborbeck e Maria Brinkmann, natural de Hardenberg, Alemanha. Seu nome de batismo era Frederico. Ordenou-se padre na Alemanha em 17.03.1893 e logo depois, no dia 08 de junho, chegou ao Brasil, com dois irmãos franciscanos. Os dois faleceram de doenças graves (naquela época): frei Marcelo morreu em 1896 por febre amarela e frei Niceto em 1924 por febre tifo. Ele seguiu um caminho diferente da maior parte dos nossos franciscanos que estudaram e se ordenaram aqui, porque fez os seus estudos na Alemanha. Trabalhou neste Brasil durante 53 anos e fez tudo para se tornar Brasileiro. Como ele sofreu quando foi afastado da sua paróquia em 1917 por causa da guerra (o Brasil era contra a Alemanha). Exerceu várias funções nos diversos conventos dos franciscanos no Nordeste. Durante uns 20 anos foi professor no seminário de São Francisco, na Bahia, onde lecionou com muito conhecimento as disciplinas de História e Moral. Por causa do seu vasto saber, os seus colegas puseram nele o apelido "enciclopédia de duas pernas". Até numa idade avançada foi freqüentemente consultado. Como escritos deixou um livro: "Cristão Prático". Mas ele não se limitou somente ao campo científico, era também catequista, confessor e pregador de retiros. Foi vigário da nossa paróquia de 1922 até 1930, quando morava no convento de Pesqueira. Imagine este homem nos seus 50 e poucos anos, um estudioso, no lombo de um burro viajando para Pindurão. Um verdadeiro herói de fé. O povo sabe muito bem o que é santidade verdadeira. Lembra-se que ele deu conselhos no espírito de São Francisco como "Tudo o que vive quer viver e por isso não pode matar nada". Lembra da sua paciência infinita, como ele agüentou calado uma doença que o fez chorar constantemente, e de sua atenção para com todos. No cemitério, o povo constatou "Aqui jaz um santo". Na nossa paróquia existem até hoje pessoas que alcançam graças com a sua ajuda.

04.04.06. Cônego Vicente Ferreira Rodas (13.01.1882 - 11.08.1975)

Filho de Luís Antônio Ferreira Rodas e D. Aguida Baptista Guedes, ele era natural de Teixeira. Foi ordenado padre no dia 13.11.1910. Era vigário de Monteiro de 1930 até 1951. Lá, foi considerado um padre exemplar, exigente, fervoroso na fé católica, zeloso, fiel, organizado e pontual. Mas sem brilho, sem talento de falar e com um acanhamento intelectual. Ele assumiu a nossa paróquia de 1930 até 1937 e a visitava, usando um carro. É evidente que a sua assistência aqui não podia ser ótima.

04.04.07. Frei Odorico Schmidt o.f.m. (03.07.1906 - 28.11.1990).

Filho de José Schmidt e Genoveva Baumann, natural de Waldsee Alemanha. Seu nome de batismo era José. Chegou ao Brasil em 1927 e foi ordenado padre em 21.05.1932, depois de terminar os seus estudos aqui. Durante muitos anos, ele trabalhou no Nordeste como missionário popular, como pregador de retiros e como vigário na nossa paróquia durante os anos de 1937 e 1938. Depois, ele mudou de país e trabalho, se dedicando aos emigrantes portugueses nos Estados Unidos e no Canadá. De lá, voltou para a Alemanha, onde trabalhou como capelão do exército e como reitor em vários abrigos. Esta visão global da sua vida nos mostra um homem de uma grande inquietação que, por isso, levou a vida de "um cigano". Ele era inteligente e tinha facilidade para pregar. Dentro do convento não era uma pessoa acomodada; sempre estava questionando, nunca estava satisfeito por completo e não aceitava com facilidade as ordens dos seus superiores. Em São João do Tigre ficou conhecido como o padre que atirou com o seu revólver (ele andava armado) quando o povo estava fazendo barulho na frente da igreja durante uma missa: ele deu um tiro no ar. Comentário do povo "Um padre bravo". Foi ele que anotou no livro de tombo sobre o São João do Tigre:

"Por lá existe um centro de espiritismo, que condenei com uma praga, pedindo a São João depois da procissão que castigue a todos que promovam ou assistam sessões".

Eis aí mais alguns exemplos do seu caráter impulsivo e organizado:

"No ano de '35 tive ocasião de visitar a capela de Fundão umas três vezes. Achei o Apostolado morto, ao menos agonizando. Não sei se poderei reorganizá-lo, reanimá-lo. Tantas e tamanhas dificuldades obstam ao mais livre desenvolvimento religioso que bem fundadas são as dúvidas a respeito da resuscitação do Apostolado".

"Visitei a esta capella de São José de Camalaú pela primeira vez em 11 de abril (de 1937), porém levando bem desagradável impressão do lugar. Voltei

para cá em maio demorando alguns dias. Desta vez o povo me conquistou a sympathia... Achei o Apostolado muito desorganizado e sem atividade".

04.04.08. Frei Antonino Kraienhorst o.f.m (13.09.1908 - 17.06.1980)

Filho de Henrique Kraienhorst e Margarida Meyering, ele era natural de Dinkern, Alemanha. O seu nome de batismo era Conrad. Chegou ao Brasil no dia 01.06.1931 e, depois de terminar os seus estudos em Olinda e Salvador, se ordenou padre no dia 06.04.1936. Ele foi vigário da nossa paróquia durante os anos de 1938-1941. A sua natureza era calma e pacífica, junto com um jeito paternal. Isso o predestinou para cargos de superior, que ele ocupou durante a maior parte de sua vida religiosa nos conventos onde morava. O último ano de sua vida foi muito sofrido por causa de sua doença, mas a maneira como ele agüentava as dores, serviu de exemplo para todos.

04.04.09. Frei Mauro Joester o.f.m. (11.05.1911 - 18.08.1975)

Filho de Guilherme Joester e Sofia Kampmann, natural de Legden, Alemanha. Seu nome de batismo era Antônio. Sendo filho de pais pobres (seu pai era alfaiate), ele sentiu uma forte atração por São Francisco. Chegou ao Brasil no dia 08.06.1933, fez os seus estudos aqui e foi ordenado padre no dia 11.06.1938. Dedicou toda a sua vida presbiterial à cura das almas no Nordeste e o povo o adorava, principalmente o povo de Umbuzeiro, que recebeu os seus restos mortais no dia 25 de março de 1979.

Frei Mauro não tinha muita facilidade para se movimentar dentro dos conventos. Os seus confrades o consideravam calmo, ponderado, pouco expansivo e indeciso. Mas fora do convento ele parecia outra pessoa, apesar das suas dificuldades com a Língua Portuguesa, que ele mal conseguia dominar. Trabalhou na nossa paróquia durante dez anos, de 1941 até 1951 na idade de 30 a 40 anos, idade em que uma pessoa tem tudo para dar. Todo o mês ele percorria a paróquia sentado no lombo do seu burro "charuto". São Francisco tinha proibido a seus filhos andar em burro, mas aqui era o jeito: leis nem sempre se obedecem... O nome do burro nos lembra como frei Mauro gostava de fumar: outra lei que ele não obedecia. Ele até usava seu capucho para guardar o fumo e o capucho cabia muito fumo! Em muitos lugares o povo se lembra carinhosamente de como frei Mauro celebrava às pressas a missa para depois poder voltar ao seu jogo preferido: sueca. Mais uma lei ignorada... Ele gostava de conversar e palestrar sobre as coisas da vida e os livros que tinha lido. Tinha tempo para todos. Nesta paróquia ele entrou num ramo novo: arquitetura. Nunca estudou para isso, mas nem sempre são os estudiosos que sabem fazer as coisas. Ele restaurou a bela matriz de São Sebastião

do Umbuzeiro e levantou capelas em São João do Tigre, Cacimbinha, Zabelê e Pindurão. Tudo isso numa época de condições precárias. Mas ele sabia animar o povo e assim arrumou recursos. O seu país natal, Alemanha, tinha perdido a Segunda Guerra Mundial e de lá não chegavam verbas como hoje em dia. Sua fama se espalhava e ele supervisionava trabalhos de construção em muitos outros lugares (até recebeu um convite do Bispo de Fortaleza para construir uma casa de retiro). Arrumou também muitas imagens para enfeitar as igrejas mesmo conhecendo os perigos. Certo dia, ele mostrou a um homem uma imagem de madeira e disse "É aqui que os crentes entram". Tudo isso mostra uma fé enorme em Deus e na boa vontade do povo. Como deixou uma marca em São Sebastião do Umbuzeiro, ele deixou uma em Poção também. Durante os poucos anos que foi vigário de lá, fez uma campanha (1954) para colocar um relógio na igreja e conseguiu.

Frei Mauro foi o último franciscano e alemão que trabalhou nesta paróquia. O povo sempre se lembrará com saudade destes homens de hábitos marrons, jeito simples e dedicados ao seu trabalho.

04.04.10. Pe. José Fernandes (22.08.1917 - 13.05.1969).

Ele era natural de Ipoeiras de Soledade-PB. Era o terceiro filho de Pedro Fernandes de Morais e Josefa Maria da Conceição. Sua mãe deu a luz a 18 filhos, dos quais 9 morreram. Ela queria muito que um dos seus filhos se tornasse padre. José sentiu este apelo e foi estudar no seminário de João Pessoa. Depois foi trabalhar em Fagundes e em Monteiro e São Sebastião do Umbuzeiro. Em Monteiro ele foi capelão do colégio N. S. de Lourdes, professor no ginásio (latim) e, durante os anos de 1951 à 1968, foi pároco da nossa paróquia.

Muitas pessoas gostam de lembrar que ele usava um Jeep. Certo dia o Jeep estava quebrado ao lado da pista e Pe. José debaixo dele para consertá-lo. Ele tinha tirado a batina (ele sempre andava de batina). Passou uma mulher perguntando: "O Senhor sabe se o padre já passou aqui?". Respondeu o padre "Quero saber de filho de mãe de padre. Estou consertando o meu carro". As pessoas que o acompanhavam no Jeep, para abrir as porteiras, tinham que fechá-las rápido, porque Pe. José ia apressado e várias vezes deixou um ajudante vagaroso.

Em 1968 o Pe.José deixou o sacerdócio no clima de mudanças criado pelo Concílio Vaticano II. Logo depois faleceu em Maceió.

04.04.11. Monsenhor João Honório de Melo (23.06.1906 - 18.02.1982).

Filho de Antônio Honório de Melo e Ana Moreira de Vasconcelos, ele era natural de Espírito Santo-PB. Estudou no seminário de João Pessoa e foi ordenado

padre em 08.12.1928. Depois foi vigário em Alagoinha, Alagoa Nova, Esperança e Monteiro. Teve que deixar Esperança por motivos políticos (sempre foi uma cidade difícil neste sentido) e sucedeu em Monteiro o cônego Vicente Rodas. O seu jeito era bem diferente: extrovertido, lido, inteligente, participante, sempre dando atenção aos pobres e as suas necessidades e falando com todos. No livro de tombo de Monteiro, ele foi o primeiro a registrar cuidadosamente o movimento pastoral e as suas atividades. Sendo vigário neste último lugar, assumiu a nossa paróquia depois da saída de Pe. José nos anos de 1969 e 1970.

04.04.12. Pe. Teofânio Stallaert CssR (08.04.1917 - 29.10.1995)

Depois de uma missão que os redentoristas pregaram em Monteiro, o Pe. Bento Dashorst veio visitar a sede da nossa paróquia. Aí deve ter nascido a idéia de assumi-la. Agora não eram mais franciscanos da Alemanha, mas Redentoristas da Holanda. O primeiro deles era padre Teofânio. Filho de Josephus Cornelius Ludovicus Stallaert e Johanna Petronella Mes, ele era natural de Arnhem Holanda. O seu nome de batismo era Paschalis Johannes Aloysius. O seu pai era bancário e sua mãe professora de piano. Teofânio foi o terceiro filho no meio de seis. Os seus pais favoreceram um ambiente artístico em casa: com 5 anos ele começou a estudar piano e com nove violoncelo. O dom artístico veio no sangue. Ele tinha um tio Redentorista que se dedicou a poesia e que traduziu o psalterio do latim para o Holandês. Um irmão se tornou filósofo e escritor, outro compositor. Teofânio foi ordenado padre no dia 11.08.1942. Até 1949 exerceu várias funções na congregação (professor e pregador de missões populares). No ano 1949 foi enviado para o Brasil onde trabalhou em muitas paróquias: Juazeiro da Bahia, Bom Jesus da Lapa, Garanhuns, São Sebastião do Umbuzeiro (1970 - 1978) e Caruaru. Também pregou missões populares.

Na nossa paróquia foi ele quem assumiu com muita seriedade as renovações dentro da igreja depois do Concílio Vaticano II. Todos se lembram ainda do seu jeito de trabalhar. Ele visitava pessoalmente todas as casas e assim conhecia todas as famílias. Gostava de fazer slides e mostrá-los depois ao povo, que foi um grande divertimento numa época em que não existia a televisão. Era organizador de teatro: escreveu várias peças (muitas vezes acompanhadas por uma fita gravada) e até arrumou recursos para a construção de um teatro de verdade em São Sebastião do Umbuzeiro. Organizou cursos para as catequistas, uma coisa inédita naquele tempo. Botou o patrimônio em ordem, medindo todas as casas e cobrando as taxas conforme o tamanho. Gostava muito de crianças e onde andava tinha crianças atrás dele. Morava no convento de Campina Grande e todo mês vinha fazer uma viagem de desobriga na paróquia. Um homem de Camalaú comentou que "Dos padres Holandeses, foi ele o padre que se comunicou mais com o povo".

Neste seu espírito inovador, ele nem sempre se lembrava das tradições e assim deixou de apoiar aqueles movimentos bonitos do Apostolado e dos Vicentinos.

Tinha olhos abertos para o lado social do evangelho e arrumou projetos para dar apoio ao povo. Em São Sebastião do Umbuzeiro ele estava no berço do sindicato em 1974 e tentou fortalecê-lo logo com um projeto de silos metálicos. Em Camalaú deu muito apoio ao "SOCADEAGRO", tanto espiritualmente como materialmente. Provocou escândalos com filmes sobre educação sexual, tentando difundir os conceitos de planejamento familiar.

Sentindo que um padre precisava mais do que uma pedra para colocar a sua cabeça, ele construiu ao lado de cada capela uma pequena sala paroquial (evitando assim que o padre ficasse na casa de uma família só, o que podia atrapalhar o livre acesso de todos a ele).

Enquanto se dedicava durante o dia às tarefas pastorais, ele usava as noites para escrever livros e poesias. O seu trabalho escrito chega hoje a mais ou menos 3.000 páginas; infelizmente pouco foi colocado a disposição do grande público. Em 1993, os seus superiores acharam melhor que ele voltasse para a Holanda. No ambiente tranqüilo do convento de Nymegen escreveu seu último livro: um comentário sobre os salmos. Logo depois a sua publicação, ele faleceu.

04.04.13. Pe. Antonino Witschge CssR (10.11.1926 - 21.03.1987)

Filho de Antonius Witschge e Catarina Margaroli, ele era natural de Amsterdam, Holanda. Era o segundo dos cinco filhos e desde criança mostrou um ardente desejo de ser padre. Seguiu o seu irmão mais velho nos Salesianos de Dom Bosco, querendo se dedicar à juventude, mas durante o noviciado, foi reprovado. Porém, não desistiu e um ano depois estava no noviciado dos redentoristas. Foi enviado para o Brasil em 1953, completou os seus estudos em Floresta (perto de Juiz de Fora no estado de Minas Gerais) e depois foi ordenado no dia 26.03.1955. Ele recebeu a missão de trabalhar no Nordeste e lá ficou conhecido em muitos lugares e por muita gente. O que marca a sua vida é que ele tinha contatos com pessoas de todas as classes, inclusive com as autoridades eclesiásticas. Assim, sempre ficou ao lado de Dom Helder nos anos duros da repressão e, sendo secretário da conferência dos bispos, manteve contatos com muitos. Fez tudo para introduzir os resultados do Concílio Vaticano II no meio do povo (movimento de Natal e movimento do mundo melhor). Pregou retiros e, sendo vigário e missionário popular, conquistou muita gente com as suas pregações, sua alegria e sua voz melodiosa (até deixou um hinário chamado "A Igreja Canta". C.Grande 1976). Nunca se esqueceu dos jovens e se dedicou ao trabalho vocacional: a comunidade dos vocacionados em Garanhuns, se chama, por isso: comunidade vocacional Pe. Antônino. Quando era vigário daqui, morava em Campina Grande e mensalmente vinha visitar São Sebastião do

Umbuzeiro. Não sabia dirigir carro e isso limitou muito a sua atuação. Esse foi o motivo pelo qual Pe. Frederico logo começou a acompanha-lo. Pelo pouco tempo que passou nesta paróquia é de admirar como o povo se lembra ainda desde padre extrovertido, alegre, cantor e pregador. Foi com ele que entrou na paróquia o espírito de Medellin e a sua opção preferencial pelos pobres. No livro de tombo ele desabafa:

"Entretanto os dois padres notam que a atenção e assistência que dedicaram aos sócios dos sindicatos rurais nem sempre agradam. Mas isso não os incomoda. O que importa é que o homem do campo seja respeitado".

Depois de passar um ano doente, o Pe. Antonino faleceu em Arcoverde, vítima de um ataque cardíaco.

04.04.14. Pe. Frederico te Lintelo CssR (09.06.1930)

Filho de Gerardus Hermanus te Lintelo e Gerarda Paulina Waanders, ele é natural de Haaksbergen, Holanda. Seus pais eram pequenos agricultores e Frederico foi o segundo filho (o mais velho dos homens) nesta grande família católica de 12 filhos. O trabalho no campo nunca lhe agradou muito e é sabido como ele, arando a terra do seu pai com um cavalo, deixou o animal solto e não sabia fazer sulcos retos e bonitos. Mesmo assim, até hoje se orgulha de ser descendente de pais agricultores. Entrou no seminário dos rendentoristas logo depois da 2ª Guerra Mundial, outro fato, aliás, que marcou a sua vida e que deixou nele uma grande raiva contra sistemas totalitários (como a ditadura no Brasil nos anos 60 e 70). No seminário não se distinguiu tanto nos seus estudos, mas sim em esportes (futebol) e teatro, onde a sua natureza melancólica se podia expressar em comédias. Em outubro de 1955 veio ao Brasil. Terminou os seus estudos em Floresta (MG) e foi ordenado padre no dia 02.02.1959. Depois, ele começou a sua vida missionária no Nordeste. Foi professor no seminário menor de Campina Grande e trabalhou em várias paróquias, no meio das quais sempre gosta de lembrar a atividade missionária em Natal, onde ele desenvolveu um trabalho sistemático e organizado de formação de leigos em muitas comunidades, apoiando de coração a chegada da igreja aberta e renovada do Concílio. Ele assumiu a nossa paróquia de 1980 a 1989. Foi ele, mais do que outro padre anterior, que tentou sensibilizar o povo para a chamada questão social. Foi ele também que tentou explicar que pobreza, miséria e atraso não são culpa de Deus, mas em grande parte conseqüência de uma mal administração e cobiça por parte dos homens. Ele sabia que a voz profética nem sempre agrada e escreveu :

"Mesmo nos referindo quase que exclusivamente às encíclicas dos papas, ouvimos muitas queixas como: esse padre só fala em política e sindicato. Junto ao sindicato de Umbuzeiro houve um esforço de conscientização política o que

não está sendo visto com bons olhos pelos políticos ... As leis trabalhistas e os direitos fundamentais do homem muitas vezes não são respeitados".

Com 60 anos de idade e alguns problemas de saúde, o Pe. Frederico entregou a sua vasta paróquia a um colega da Holanda mais jovem e foi trabalhar em Campina Grande numa área que não exigia tanto fisicamente.

04.04.15. Pe. João Jorge Rietveld (10.07.1953)

Filho de Jan Joost Rietveld e Estella Isabella Stefanie Calon, ele é natural de Geldrop, Holanda. É o mais velho de oito irmãos e o nome de batismo é Jan Joris. Durante 7 anos estudou agronomia na faculdade de Wageningen e escreveu aqui suas teses sobre solos hidrofóbicos e sobre desenvolvimento de feijão em regimes diferentes de adubação. Estagiou um ano na Etiópia. Aqui renasceu a sua vocação e assim ele foi estudar 7 anos de teologia em Heerlen, dos quais passou um ano estagiando no Brasil (Amazonas e Sergipe). Escreveu a sua tese de teologia sobre o biblista brasileiro-holandês Carlos Mesters e voltou definitivamente para o Brasil (a convite de Pe. Frederico), no dia 29.01.1986. Foi ordenado padre em Monteiro no dia 29.11.1987 e assumiu a paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro em 01.04.1989.

04.04.16. Algumas observações

Depois da sua independência em 1912, na nossa paróquia trabalharam religiosos franciscanos e redentoristas e padres diocesanos (padres de São Pedro). Considerando o período até 1989, constatamos que a paróquia ficou durante 46 anos com os religiosos e 32 anos com os diocesanos. Ambos possuíam um estilo de trabalhar próprio.

Todos os padres diocesanos foram vigários de Monteiro, menos um que era vigário de Cimbres. A importância da nossa paróquia, para eles, estava constituída em segundo plano. Portanto, o trabalho aqui nesta paróquia, pesava muito no trabalho pastoral da primeira paróquia. Todos esses padres diocesanos eram brasileiros, razão pela qual conheciam melhor o povo do que os padres religiosos.

Os padres religiosos eram estrangeiros. Os franciscanos eram alemães e os redentoristas holandeses. Imaginem então a dificuldade em adaptar a língua e a sua maneira de ser à cultura popular da região.

Os padres diocesanos preferiam um trabalho isolado, enquanto os padres religiosos davam preferência ao trabalho conjugado, em equipes. Estes últimos moravam em seus conventos: os Franciscanos em Pesqueira e os Redentoristas em Campina Grande, Arcoverde ou Monteiro e sempre traziam colegas para ajudá-los. Os diocesanos se contentavam com visitas de 2 em 2 ou de 3 em 3 meses às

capelas principais da paróquia. Os religiosos faziam mensalmente um giro (desobriga) na paróquia, e além disso costumavam pregar pequenas missões nas datas importantes. Inegavelmente o povo deve ter gostado muito deste estilo de trabalho. Os freis franciscanos se dedicavam à construção de igrejas e à fundação de grupos como o apostolado, os vicentinos e a união católica, tudo isso fazendo parte da igreja tradicional, segura e conservadora. Aos redentoristas coube a tarefa dificílima de renovar essa igreja estabelecida, tridentina, conforme as normas do Concílio Vaticano II (1960-1965): abrir as janelas da igreja para a entrada de um ventinho leve e suave, como disse o papa João XXIII. Eles fizeram isso com muita persistência e convicção, encontrando fortes barreiras nesta região tão pobre de informações.

Olhando mais de perto as vidas de cônego Rodas e monsenhor João Honório e lembrando a disputa entre Pe. Pedro Ramos e o juiz de direito, descobrimos como a relação entre igreja e política sempre foi espinhosa. Várias vezes um vigário "se queimou" no campo político. Quem diz que os padres nunca mexeram com política, desconhece a história. A relação entre igreja e o poder político sempre ficará complicada.

05. AGRICULTURA E PECUÁRIA.

No município de São João do Tigre nós temos dois tipos de clima, bem diferentes: tem o clima bem árido do Cariri e tem o clima mais úmido da Serra do Agreste. Por isso na região do primeiro clima nós estamos encontrando mais caprinocultura e na região do segundo tipo mais agricultura. As terras na primeira região são muito mais fracas, arenosas e cheias de pedras e com uma vegetação de marmeleiro e jurema preta. As terras na segunda região são terras vermelhas, muitas vezes, infelizmente, num declive bem grande. A maior parte do município fica na primeira região e por isso voltamos a nossa atenção para lá.

Apesar da base econômica da região ser pecuária, especialmente a caprinocultura, os moradores destas terras sempre tentaram plantar pelo menos para o seu próprio consumo. Eles plantam de preferência nas várzeas, terras baixas, onde as águas das chuvas se acumulam. Assim tentam diminuir o risco de falta de água. As culturas tradicionais são: milho (cultura do Índio), feijão de corda (veio da África com os escravos) e na serra feijão de arranca (não aguenta seca e calor) e plantas da grande família das Cucurbitaceas como melancia, jerimum, maxixe e melão. Além de serem plantadas em terras mais úmidas, estas plantas são plantadas "misturadas" (consorciadas) para aproveitar ao máximo de todas as qualidades do ambiente e para diminuir o risco de perda da safra. As safras nas terras não adubadas e nativas ficam em torno de 400kg de feijão por hectare e 1.200kg de milho, safras do antigo testamento. Mesmo assim estas safras só são possíveis em terras novas, recém brocadas, queimadas e por isso cheias de minerais da antiga vegetação e com poucas sementes de mato, que interfere no crescimento das plantas. O povo sabe que estas terras novas e descansadas logo perdem o seu potencial e por isso mudam a roça depois de alguns anos de plantação.

Uma planta que não serve para comer mas que até uns 20 anos atrás contribuiu muito para sustentar o homem nordestino no campo, era o algodão. A nossa região produzia muito algodão, apesar da baixa produção por hectare (300kg). Caminhões levaram-no para Campina Grande, o segundo maior centro mundial de comercialização desta fibra. Foi exatamente o algodão que forneceu ao povo as condições para comprar roupas, sapatos e outras coisas extras. Inúmeros são os exemplos de pessoas que durante o ano todo tomaram dinheiro emprestado com uma única garantia: um campo de algodão. Na safra se fazia conta e pagava os débitos do ano todo. De verdade, era o ouro branco da região. Como São João era a festa do santo e a festa do milho, assim Nossa Senhora das Dores era a festa do algodão e da santa. Desse modo seguia-se a tradição do antigo testamento que ligava festas agrícolas e religiosas. O círculo de algodão entrou em crise nos anos 80 com a chegada da praga do bicudo (Anthonomus grandis), cujo combate ficou

muito difícil até hoje. O algodão estava nas origens de uma indústria "caseira": a indústria de descaroçar (separar a semente e a fibra). As máquinas que faziam este trabalho chamava-se vapores. No Tigre tinha vapores na fazenda do Sr. Félix Ferreira Raposo (Boa Vista) e na fazendo do Sr. Manoel Evangelista (Felisberto). As sementes serviam de alimentação, rica em proteínas, para o gado. Com o desaparecimento do algodão o povo começou a usar a sua fonte de renda que sobrava na época de precisão: os seus rebanhos de bode. Eis aí um argumento bem forte para a considerável diminuição deste rebanho.

Outra fibra que começou a ser explorada no início dos anos 40 foi uma fibra que se encontra no mato: caruá (Neoglaziova "variegata" da família "Bromeliáceas"). Em tupi a palavra kara'wã quer dizer: talo com espinho. Adulta esta planta chega a medir 2 metros de comprimento. Sua cor varia entre verde e roxa com o interior branco. Fornece fibras longas e alvas, sedosas e resistentes, que substituem a juta e o linho. Prefere terrenos secos, silicosos e expostos ao sol. O caroá não se cultiva e não presta para ser plantado: ou ele não pega, ou ele fica muito pequeno. Ele espera o trabalhador que vem arrancá-lo com as mãos protegidas com luvas de couro. O intervalo para extração na mesma área é, no mínimo, um ano. Depois desse tempo já tem outras plantas na mesma área. Este trabalho, feito por homens e mulheres e especialmente em épocas secas (por causa da maior facilidade de processar), era um trabalho familiar, bem animado e divertido, que precisava de muita mão-de-obra. As pessoas ganhavam por produção. Os acidentes que aconteciam no campo eram: perda de olhos e mordida de cobra. As folhas depois de serem amarradas em feixes eram levadas em carro de boi para as fábricas. Lá um motor puxava várias máquinas (em geral umas oito) que separavam a fibra da massa foliar. Esta massa depois servia de alimentação para os animais e dava uma matéria orgânica excelente. As máquinas sempre foram operadas por duas pessoas. Estas deveriam prestar a máxima atenção para não perderem mãos, braços ou dedos. Depois de secar ao sol e atadas em pacotes as fibras estavam prontas para serem levadas aos centros de comercialização. No começo o transporte era em carro de boi: uma caravana de dez a vinte carros, indo do Tigre a Sertânia. Lá tinha uma cooperativa de caroá. O governo de Pernambuco apoiava muito o caroá. Depois caminhões levaram o caruá para Caruaru nas fábricas de José de Vasconcelos e mais tarde ainda para Recife. De lá ia para o exterior. Uma primeira quantidade foi muito bem aceita, mas na segunda foi exportado muito caroá de qualidade inferior e isso acabou com a credibilidade. Caroá ia para o sul também e lá tinha que enfrentar a concorrência da juta, com a vantagem que ele é três vezes mais resistente. Os produtos finais de caroá são cordões, barbantes, linhas, papéis, seda vegetal e estopas. No começo dos anos 60 a extração começou a cair: tinha pouca exportação e começou a produção de fibras industriais. O Sr. Mário Chaves, o pioneiro dessa indústria fala: "Se alguém alega

a falência das fábricas por falta de matéria-prima, está enganado: o caroá sempre existiu em grande quantidade pelo sertão. Quando o fornecimento caía era por causa do inverno, quando muitos dividiam o tempo entre a roça e o trabalho do caroá. Ninguém viu naquela época a fome no sertão, mesmo quando a seca era grande. O caroá era uma grande fonte de renda e se ganhava por produção".

O frei Antonino escreveu em 1939:

"Este ano houve uma grande seca. Não lucraram lavoura nenhuma. Os açudes tomaram muito pouca água. Precisavam retirar o gado para Cabaceiras. A safra de algodão foi muito pequena. Muitos resolveram abandonar o lugar. Então em setembro Deus mandou chuva. Todos criaram de novo coragem. Quanto maior a necessidade, tanto mais perto Deus está para auxiliar. Em novembro veio uma pessoa de Belo Jardim e construiu uma fabrica de caroá. Assim Deus livrou os pobres da fome".

A importância desta industria se nota na quantia de fabricas: Tundá (Barra de Cacimba), Severino Tenório (Tigre), Ananias Onório (Barra de Cacimba), Sebastião Filipe (Tigre), Antônio Ventura Caraciolo (Poço Escuro), Augusto Aragão (Tigre), Mário Chaves (Tigre).

Mamona (Ricinus comunis) era uma planta que o povo explorava no mato nos lugares mais úmidos: juntava as sementes para vende-las. Este costume existia nos anos 30.

Nos leitos dos rios o povo sempre plantava uma cultura que veio do litoral, a cana de açúcar. Em muitos lugares havia pequenos engenhos que produziram o mel e até rapadura. É difícil de encontrá-los hoje ainda. Provavelmente a mão de obra é grande demais numa época que os produtos como açúcar e mel são baratos. Da mesma forma desapareceu mandioca do Cariri. Nas serras de Santa Maria ela não desapareceu e lá existem várias casas de farinha. Os motivos de seu desaparecimento são vários: as secas prolongadas que acabaram com "as sementes", o clima que ficou cada vez mais árido (no dizer do povo, mas que não é verdade conforme os dados pluviométricos), um gosto pior da farinha do Cariri e altos custos de produção. Foi mais uma atividade que fornecia emprego e que desapareceu.

E a madeira? Sabemos que antigamente a região tinha muito mais madeira. Em Santa Maria o povo se lembra como as árvores fizeram barulho no vento e como muitos rios eram quase perenes. Na igreja de Monteiro se encontra a madeira cedro que foi tirada das redondezas. I. Joffily, o famoso historiador, já mostrou nos fins do século passado uma grande preocupação com o desmatamento e em conseqüência disso com o desaparecimento das terras férteis. Os criadores de bodes sustentam que antigamente as terras estavam cobertas de folhas de

diferentes espécies de árvores e assim tinha muita alimentação para os bodes. A variedade das folhas protegia-os até contra doenças. A madeira desapareceu por muitos motivos. Tinha a construção. Tinha também os fornos de carvão. Estes fornos não engolem qualquer tipo de madeira. Os fornos de cal engolem tudo e por isso estes são os piores. Reflorestamento nunca recebeu a devida atenção. No começo do século foi introduzido a árvore aveloz (Euphorbia tirucalli). Esta servia em primeiro lugar para a construção de cercas, depois para alimentar bodes e hoje também para fornos de cal. A árvore algaroba (Prosopis juniflora) é conhecida desde 1947. Esta árvore fornece uma madeira boa, resiste secas e produz vagens que podem ser transformadas numa ração de alta qualidade para o gado. Ela pode ser perigosa porque causa a doença de "língua de pau" e também ela tem uma tendência de invadir terras úmidas e boas. Em Camalaú o Sr. Zé Inácio comprou a fazenda Floresta e começou o cultivo desta árvore. A viabilidade porém não ficou comprovada. Leucena (*Leucena leucocephala*) até hoje não é muito bem aceita ainda, apesar de ter grandes qualidades.

Quanto à pecuária, existem inovações também. O povo está dando mais atenção a ração sabendo que carne e leite vão pela boca. O governo estimulou o plantio de capim búfalo (Cenchrus ciliaris) mas junto com isso está acabando com a caatinga natural. A palma (*Ficus opuntia),* ração suplementar, já é conhecida desde o começo do século e veio do México, aonde os Índios a cultivavam como uma planta santa. Na nossa região o seu cultivo é ameaçado por uma praga, cochonilha. Nas rações estão se usando cada vez mais os sais minerais. A ração melhorou bastante com a chegada das forrageiras. As vacinações, antigamente não necessárias, se tornaram indispensáveis por causa das doenças, especialmente vermes, raiva e fitose. Cercas foram feitas, dificultando para o pequeno agricultor criar. Houve mais atenção para a reprodução e as características de certas raças. A criação de jumentos está voltando paulatinamente, depois da atuação da Mafisa, que comprou e matou todos estes animais. O rebanho de bodes diminuiu consideravelmente por causa do desaparecimento do algodão, de doenças e por falta de campos abertos.

A agricultura e a pecuária entraram em fase de mudança mais rápida nos anos 40. Entrou a racionalidade (a técnica) acompanhada pelo dinheiro. O banco de Monteiro foi implantado no ano de 1944, trazendo dinheiro e possibilidades para investir até para pessoas que não tinham recursos próprios suficientes. O banco nem sempre fornecia dinheiro fácil e muitas pessoas entraram em falência não sabendo como saldar suas dívidas. Foi o banco que incentivou a exploração de caroá e agave. Foi o banco que ajudou na implantação de projetos para os agricultores e é o banco que incentiva a nova onda na agricultura regional: a agricultura irrigada. Esta agricultura está sendo estimulada desde os anos 70, principalmente o plantio de tomate. O grande incentivador aqui é o Sr. Cláudio

Chaves de Camalaú, um autodidata com muita coragem de enfrentar novos desafios. Hoje nós sabemos que este tipo de agricultura não oferece uma solução final: as nossas águas são de péssima qualidade, o tomate é extremamente sensível a doenças e pragas, a comercialização é complicada devido a acesso difícil e distâncias longas, e o clima é extremo (temperatura). Aqui fica muito trabalho a ser feito em culturas alternativas e irrigação mais eficiente.

Com tudo isso, parece um erro de pensar que somente agricultura e pecuária pode absorver toda a mão-de-obra. Lembremos dos resultados dos trabalhos de Malaquias Batista Filho: *"Na realidade, só a partir de 200 hectares começava a se definir uma possível tendência à melhoria da condição nutricional das crianças"* (no sistema tradicional de agricultura). O último censo disse que São João do Tigre tem uma superfície de 689,3km² e 4.146 habitantes ou 1.036 famílias e por isso prova que cada família tem em média 66,5 hectares de terra, pouca demais para dar uma vida digna a seus moradores. Esperamos pessoas criativas para apresentarem novas idéias de desenvolvimento do nosso povo.

06. HOMENAGEM AOS CRIADORES

A nossa terra tem poetas. Um deles é Fernando de Souza, vaqueiro, que escreveu a seguinte homenagem.

Eu vou pedir a Jesus
O claro da santa luz
Prestando uma homenagem
Aos criadores da região
Percorri todo setô
Reconhecendo o valô
Saudo todos criadô
Do município São João

Saio por Tigre de Cima
Com rapidez e veloz
Possidônio e Lomeu Borge
Os fazendeiros mais perto
São uns criadô suave
Sobretudo responsáve
E o coroné Maro Chave
Na fazenda Felisberto

Vou passar em Santiago
Fazenda de Seu Milau
Um fazendeiro local
Lá naquela região
Seu Pedrosa e Filomeno
Fazendeiro mais ou meno
De lá eu tomo outro aceno
Para outra região

Quero ir a Travessada
Rever outra moradia
Roberto e João de Basía
Louro Norato também
De lá volto a Manué Luiz
Com o meu cantar feliz
O que o mesmo verso diz
Por essas fazendas tem

Ciço de Ponço também
É um criadô preparado
Adora festa de gado
E gosta de brincadeira
De lá eu vou a Cacimba
Conhecer outro valô
Dois famoso criadô
Gôrdo e Mané Pereira

Depois vou a Santo André
Travesso pra outra banda
Baxio Pedra Redonda
Da família Leopodino
Eles que tem gado e faz
Brincadeira gadiaz
Gosta de festa demas
Aquela tropa etinino

Eu vou a Santa Maria
Completá a minha fila
Vou revê aquela vila
Colocá no meu papé
Saudá criança e senhô
Por todo aquele setô
Saudá todo criadô
E a famía irmã

Vou mandá a Cacimbinha
Uma saudação ao povo
Passando no Rio Novo
Esse aí era meu plano
A famía Severiano
Ali daquela ribeira
Que adora brincadeira
E faz festa todo ano

Eu mano pra Cacimbinha
São Migé Cacimba Nova
Uma mensage dando prova
Que é simple brincadera

Nessa vessage que faço
É sem havê embaraço
Vou saudá Zeca de Ináço
Na fazenda Roncadera

De lá venho pro Angico
De Anfriso e Espedito
Jaramataia é bonito
Mané de Bia é seu dono
Saudação a Luizim
Mizaé Duda e Joaozim
E na fazenda Açudim
Tem corrida todo ano

Afrisio Caciano
João Lourenço e Eduardo
Lunga e Laudenô de lado
Os fazendeiros dalí
João Heleno e Sebastião
Na lader Gavião
Na fazenda Vermeão
Também Tonhim de Bidi

Tem Marco Felizberto
Peucele em Agua Azul
Zé de Bia em Mulungú
São criadô mais ou meno
Agenô conheço bem
Maro, Tutu e Ageu vem
No Riacho Grande tem
Sebastião de Mané Heleno.

Na fazenda Boa Vista
João Batista e seu irmão
Sempre fez reunião
Essa famía Medero
Pô herança de seus pais
Gosta de festa demais
E que todo ano faz
Uma missa do vaqueiro

Vai pra Mané Celestino
E Amilto seu vizim
Fazendeiro em Açudim
Lá na mesma região
Onde a galera se agita
Bruno na Salina habita
Fazenda Lua Bonita
Romildo velho e Tonhão

Corredô sitio Raposa
Ingá Riacho do Mel
Em Baraúna cheguei
Meu companheiro seguro
Tadeu que tem gabarito
Também no mesmo distrito
Geraldo Augusto e Zelito
Na fazenda Poço Escuro

De Sebastião me lembrei
No rancho Tigre cheguei
Desculpe a quem não falei
Pois eu não tava lembrado
Mais todos da região
Do município São João
Receba meu abraço
E o meu muito obrigado.

07. OS CANGACEIROS EM SÃO JOÃO DO TIGRE.

O fim da década de 30 é chamado: período de pavor aos cangaceiros. Eles amedrontavam toda a região e atuavam na nossa paróquia, especialmente no ano de 1936. Naquele ano o seu reinado media 300 mil quilômetros quadrados e se estendia sobre sete estados. O medo dos cangaceiros tinha se espalhado em todos os cantos. Sempre corriam boatos de que os cangaceiros tinham passado por aqui e muita gente passava noites no mato, deixando casa e todos os seus haveres, para escaparem de uma morte cruel. Certos historiadores apresentam Lampião e seu bando como homens generosos e honestos, lembrando sua amizade com padre Cícero e a sua generosidade com alguns pobres. Esta convicção não é de acordo com o pensamento do nosso povo. Foi nesta época de medo que Nossa Senhora apareceu a duas meninas lá no sítio Guarda, Vila de Cimbres, no dia 06 de agosto de 1936. Sem dúvida naquela época o nosso povo era mais sensível para coisas divinas.

Uma das visitas mais comentadas dos cangaceiros, foi a visita de Virgínio, cunhado de Lampião, e o seu bando. Entraram na região, passando por Capitão Mor, onde tomaram 10 contos de Malaquias Batista. Depois tomaram 10 contos de Manoel Correia na fazenda Estrela Dalva. No dia 21 de maio de 1936 entraram na rua de São Sebastião do Umbuzeiro depois de terem se encontrado com Ananias Celestino Pereira. A ele perguntaram *"Tem macaco na rua"?* Ele respondeu que não, e eles mandaram-no acompanhá-los para a rua. Entrando lá, deram um disparo com uma mauser. Eles foram beber no bar de Ananias (Praça Coronel Nilo Feitosa 536) e Virgínio ordenou que ninguém devia tocar em Ananias. Depois descobriram uma loja de um homem de Monteiro, no lugar do atual correio. Arrancaram a fechadura, entraram e quebraram muitos jarros de perfume, enchendo a rua com um odor agradável (é conhecido como os cangaceiros gostavam de "extratos de feira", perfumes gostosos). Espalharam os tecidos da loja até o cruzeiro. Um dos cangaceiros perguntou ao chefe *"Não vamos deixar uma lembrança aqui?"*. O chefe respondeu *"Atire no pé de sombrião na frente da igreja!"*. Dentro da igreja o povo tinha se reunido com muito medo. Ele atirou duas vezes mas não acertou a árvore: uma bala acertou a calçada e outra a porta da igreja.

Depois de terminar as suas brincadeiras, arrumaram um novo guia, chamado Sebastião Tavares. No caminho encontraram o agente fiscal estadual Pedro de Alcântara Filho e seu companheiro Sebastião, que foram avisar Sátiro Feitosa na fazenda Ribeiro Fundo. Os cangaceiros queriam saber de suas andanças e eles mentiram, dizendo que foram comprar queijo na fazenda de Zé Cobra na Balança. Lá, Zé Cobra, sob ameaça de ser morto, teve que confessar que os dois foram avisar no Ribeiro Fundo, que os cangaceiros estavam se aproximando. Isso foi igual a

uma sentença de morte. Sebastião pediu ainda para não matar Pedro porque ele tinha uma família, mas não adiantou. Os dois foram assassinados. Os cangaceiros queriam matar ainda uma velhinha, a sogra, porque ela tinha respondido mal. Jogaram gasolina nela mas não a incendiaram. No dia 22 de maio chegaram em Ribeiro Fundo. Os donos tinham fugido, mas na casa estava o morador Gedeão Hipólito Neves (avó do ex-prefeito Antenor Campos) e o cozinheiro Zé Lourenço. Estes dois foram mortos na hora, pois eles tinham avisado os seus patrões. O velho Sátiro, que estava escondido no capim por trás da casa, escapou. Deixando a fazenda, se encontraram no caminho com um dos filhos mais novos de Sátiro. Ele disse que era comprador de gado e eles o soltaram. Subiam para a fazenda Raposa. Lá o grupo se dividiu. Enquanto uns atacaram os proprietários desta fazenda, Bonifácio e Zé Branco, que tiveram que pagar dez contos, outros atacaram a fazenda Angico. Do seu fazendeiro, Fortunato Reinaldo, exigiram também dez contos. Como não os tivesse, levaram-lhe o filho, chamado Anfrizio, por garantia do restante, até a Serra da Jurema, quando foi resgatado.

Agora os policiais estavam sabendo da presença dos cangaceiros. De Pernambuco veio um grupo de soldados sob liderança de Manoel Neto. De João Pessoa vieram soldados Paraibanos sob a liderança de Abdias de Almeida e tenente Caetano Júlio. Estes últimos passaram por Camalaú e foram para Raposa, mas chegaram tarde demais. Os cangaceiros tinham continuado o seu caminho para Fundão. No caminho se encontraram com uma moça. Ela foi violentada e deixada nua na beira da estrada. Um dia depois a polícia encontrou o corpo da menina morta. Um policial tirou os botões da sua túnica, enrolou a moça nela e enterrou-a.

Numa quinta-feira os cangaceiros entraram em Fundão de Baixo. Lá mataram dona Josefa, a mulher de um intrigado deles. Adriana, amiga dela, veio ao seu socorro, implorando por sua vida, mas ela foi morta também. Os cangaceiros seguiram para Fundão de Cima, para terminar o trabalho de vingança nos seus intrigados. Lá mataram Benedito Ludugério, só porque correu, quando ele viu o bando se aproximar. Um certo Melquides foi assassinado cruelmente: eles furaram os seus olhos e obrigaram o povo a assistir e rir. O motivo desta vingança foi que ele tinha criado um dos cangaceiros, mas tinha batido muito nele. Agora, adulto, veio vingar-se no seu pai de criação.

Os cangaceiros ficaram andando nas redondezas, sendo perseguidos por policiais e particulares. Estabeleceu-se rapidamente um grande cerco com as forças da Paraíba e Pernambuco. Todas as fronteiras foram fechadas. Tenente Chaves fechou com 35 homens o norte de Pindurão até Camalaú. Manoel Neto conseguiu se encontrar com os cangaceiros na Serra do Frango. Eles tinham se escondido lá numa pedra. Os cangaceiros, apertados, fizeram uma corda de caroá, para descerem desta pedra, mas lá em baixo Manoel Neto estava a sua espera. Ele

fez um acordo com eles e soltou-os. Fugiram e voltaram para Lampião, passando por Fazenda Nova, Barra de Cacimba, Serra do Fogo e Cimbres. No rio de Barra de Cacimba, pediram à uma mulher, dona Raimunda, para botar água nas suas cabaças. Ela fez o que eles mandaram e recebeu dinheiro, mas depois da sua saída correu com medo e jogou o dinheiro no mato. Os cangaceiros voltaram para a Serra de Jacarará e depois houve vários combates entre eles e o homem valente de Poção, Sebastião Conrado. Num destes combates no município de São João do Tigre, no dia 15 de maio de 1938, o cangaceiro Chumbinho foi morto e depois enterrado no cemitério de Poção.

08. SANTA MARIA, O BERÇO DA FÉ CATÓLICA DA PARÓQUIA DE SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO

A primeira notícia escrita deste lugar, nós encontramos no livro de batismos da nossa antiga paróquia de São João do Cariri. Este livro nos mostra que no dia 11 de julho de 1836 o padre José Gomes Pequeno batizou sete crianças no "Sítio Fundão", entre as quais tinha uma criança escrava. O mesmo livro fala em outras visitas. Em agosto de 1839 foram feitos batismos no Fundão da Serra Jacarará. Sobre a próxima visita fala:

"Aos 11 de agosto de mil oitocentos e quarenta hum, na fazenda do Tigre de Baixo, digo na capela de Santa Maria Madalena de Jacarará, freguesia de São João do Cariri, baptizei um menino com santos óleos, o João, de 5 meses, filho legitimo de Antônio Correia de Miranda e de Luzia Maria, moradores na Lagoa desta freguesia. Foram padrinhos José Barbosa e Joanna Mara da freguesia do Brejo de que para constar mandei fazer assento que asignei" (vigário José Gomes Pequeno).

Baseado nisso nós podemos concluir que a capela de Santa Maria foi construída entre 1839 e 1841. Podemos concluir também que já no começo existia confusão sobre seu nome certo: Fundão, Jacarará e Santa Maria. Analisemos esta questão.

Vindo de Poção e descendo para o nosso lugar, podemos entender melhor o nome Fundão. A pessoa se pergunta: porque os habitantes antigos foram morar num vale tão profundo e de tão difícil acesso? A explicação é uma só. Este pensamento é um pensamento de um Pernambucano. O Paraibano vê as coisas diferentes. Ele sabe que o interior do seu estado foi colonizado através dos leitos dos rios, as únicas vias de acesso numa região fechada. A tradição do povo diz que os primeiros habitantes de Santa Maria vieram de Boqueirão. E o povo tem razão. Naquela época o rio de Santa Maria deve ter sido quase perene, porque as serras estavam cobertas de árvores, que seguravam as águas das chuvas. Esta situação existia até o inicio deste século. Um ditado popular de Santa Maria nos lembra disso. "A serra está zoando", os antigos diziam. Isso quis dizer: vai chover. A zoada era o vento nas folhas das árvores. Estes primeiros habitantes se dedicaram à agricultura nestas serras mais chuvosas e à criação no chamado Cariri. O livro dos batismos explica que eles tinham escravos para enfrentar o pesado nesta região hostil.

E o nome Santa Maria Madalena? O povo fala como um dos primeiros habitantes estava cavando um buraco no chão. Quando ele estava meio fundo, uma pedra grande caiu em cima do buraco e o homem, ameaçado a morrer, fez no seu desespero uma promessa a Maria Madalena: *"se eu sair daqui, construirei uma capela em sua homenagem"*. Ele conseguiu escapar e pagou a sua promessa. Outra explicação que faz sentido, se encontra num livrinho que o nosso povo usa desde tempos remotos para rezar as suas novenas, chamado "Escudo admirável". Neste livrinho está escrita a seguinte prece:

Roguemos a intercessão de Maria Madalena
Para alcançarmos de Deus, misericórdia plena.

Um grande desengano, um real conhecimento
Deste modo illusório vos mostrou entendimento

Buscaste Christo anciosa, em casa do phariseu,
Coroastes arrependida feita de seus pés tropheu.

Com vosso amargo pranto os sagrados pés regaste
E depois de perdoada com cabello os enxugastes.

Ungistes do Senhor os pés com bálsamo precioso
E adorando-os lhes deste um osculo fervoroso.

E quando a Cristo rogastes, sempre terna e caridosa
A ressurreição de Lázaro todos viram gloriosa.

Durante trinta e três annos vos fizestes penitência
Em uma cova, soffrendo do tempo a dura clemência.

Mas vinham anjos do céu, algumas vezes no dia
Alegra-vos lá na cova com celeste melodia.

O Maria Magdalena, peccadora arrependida
Fazei que minha alma seja como a vossa convertida.

O Maria Magdalena, prodígio d'amor divino
Rogasse por mim pecador ao clemente Deus trino.

A novena não está a par dos mais recentes estudos bíblicos, dizendo que Maria Madalena é a mulher pecadora que lavou os pés de Jesus. Mais ela nos mostra o porque da presença de Maria Madalena em Santa Maria. A novena nos fala que ela fez penitência durante trinta e três anos numa cova. Os primeiros habitantes identificaram esta cova com o seu lugar.

Concluindo nós devemos dizer que o nome certo de Santa Maria seria: *Santa Maria de Fundão na Serra Jacarará.*

A capela foi construída e os padres continuaram as suas visitas a Santa Maria. No começo do século se estabeleceu lá o Sr. Ismael Honorato da Silva (1883-1964), filho de José Bispo e Maria do Rosário das terras de Cacimbinha. Ele se casou com Joana Maria da Conceição e teve nove filhos com ela: Manoel (o pai de Sr. Elias) que tomou conta da herança do pai, José, Maria (zeladora da igreja e sem filhos), Josefa (a mãe de dona Zezé), Ana, Auzira (a mãe de padre Moacyr Bernardino da Silva, trabalhando em Goiás), Amaro, Das Dores (tomou conta dos seus pais até morrer e era zeladora da capela também), e Elisa. Este Ismael tornou-se a pessoa mais importante do lugar, mesmo sendo pobre. Ele ganhava o pão de cada dia como matuto, viajando para o Tigre, Camalaú e Congo. Depois botou um boteco. Era tão pobre que nem tinha uma cabra para dar leite aos seus filhos. Para o povo ele era um tipo de conselheiro. Uma vez quis separar uma briga e foi atacado. O resultado foi que ficou aleijado. Na igreja enfrentava tudo. Dava hospedagem aos frades visitantes, organizava as festas, contratava os músicos, rezava o mês de maio e ficou responsável pelo patrimônio, como falou frei Odorico em 1938: *"Encontrei esta capella sem nunca se ter arrecadado os dízimos do patrimônio. Organizei a arrecadação, encarregando disso o Sr. Ismael..."*

Deus sem dúvida já deve ter perdoado o seu único defeito: ele gostava de tomar "uma". Este Ismael estava no meio dos homens que decidiram dar um patrimônio a sua igreja. Neste momento é bom lembrar que a cidade de Poção neste mesmo ano da doação do patrimônio, foi atingida por uma doença: a peste (febre do rato, bubônica). Esta doença estava matando muita gente. Os sobreviventes fugiram para todos os cantos, entre eles Santa Maria. Santa Maria ficou agora com a esperança de crescer mais. Esta esperança não se realizou. A doença desapareceu e deixou em Poção um segundo vice-padroeiro ao lado de Nossa Senhora das Dores: São Sebastião. Quando foi dado o patrimônio, tudo isso não estava claro ainda. No cartório de Monteiro no livro 6 fl. 111 a 113 está escrito o seguinte: *"....no ano de 1921, aos 23 dias do mês de julho deste dito ano, em casa de residência do cidadão Luís Bispo da Silva, no lugar Fundão.... foi a chamado do Sr. Manoel Rodrigues Evangelista.... compareceram presentes: como outorgantes doadores Manoel Ferreira Elisbão e sua mulher D. Luiza Maria da Conceição, ele criador e ela vive de trabalhos domésticos, residentes no lugar Serra do Paulo desta comarca.... e que de dita terra (126 braças de terra sitas a margem do riacho Fundão) davam uma parte como effetivamente deram a Santa Maria Magdalena da capela de Fundão, paróchia de São Sebastião do Umbuzeiro.... para patrimônio da referida capela, tendo o referido termo os limites seguintes: começará de um marco junto ao riacho da Jabaticabá anexo a estrada que segue deste povoado ao lugar campos e seguirá de nascente a poente com cinco graus*

de variação ao sul mede-se cem braças fará ponto em marco colocado a direita de um antigo vallada; e d'ahi seguirá ao sul com variação de oito graus ao sueste, medindo setenta braças, fará ponto em outro marco colocado junto ao pé de um coqueiro ficando a direita de um pequeno cargo e d'ahi seguirá em direção ao nascente com a mesma variação ao nordeste, medindo cem braças fará ponto com outro marco colocado, e d'ahi seguirá com a mesma variação a encontrar o primeiro ponto e disseram mais eles outorgantes que de hora em diante fica pertencendo dito quadro de terra do marco já limitado a mesma Santa Maria Magdalena que será de hoje para sempre proprietária da mesma uma vez que eles outorgantes lhe transmetiram todos os direitos de domínio de posse... ficando a posse mantida onde se acha edificada a supradita capella e as casas dos habitantes no mesmo povoado Fundão..."

Neste documento nós podemos ler que o Senhor Ismael estava presente nesta doação como testemunha. Outra pessoa de destaque era Sr. Manoel das Moças do Tigre. O documento diz que o patrimônio foi doado depois da fundação do povoado, um gesto meio incomum. A doação sendo feita no ano da doença de Poção sugere que o povo tinha esperança que o seu povoado ia crescer agora. O tamanho da doação foi mais ou menos de 4 hectares.

No dia 23 de julho de 1926, na festa da padroeira, foi fundado o Apostolado de Oração com diretor local frei Bonifácio e com D. Petronilla Bezerra Marques como presidente, D. Sancha Estanislau (professora municipal) secretária e D. Antônia Alves Bezerra como tesoureira. Este apostolado tinha ligações fortes com o de Poção. Infelizmente sempre ficou se arrastando. Umas das grandes dificuldades foi que faltou uma pessoa forte para animá-lo. Faltou também a secretária (um alto grau de analfabetismo) e por isso quase sempre o padre fazia as atas. Deixemos frei Odorico falar (1937):

"... Com a invasão dos cangaceiros mandaram-me diversas famílias como a família da zeladora Antonia Alves Bezerra ... Na pregação (da festa) fez-se observação sobre certos abusos como sejam: trabalho em dias de domingo e festas de guarda, freqüência de sessões espíritas para curar-se de doenças, deslealdade de homens sem consciência em desonrar donzelas abandonando-as, sem reparar o crime pelo casamento e não só pelo dinheiro... O resultado da santa missão foi bem desanimador. Houve um total de 600 comunhões..."

No ano de 1959 o Pe. Zuzinha tornou-se diretor local e renovou o Apostolado. Maria Ismael da Silva ficou presidente, Marieta Alves de Moura, secretária e Josefa Ferreira de Lima, tesoureira. Mesmo assim o Apostolado faleceu logo depois. Existia de 1926 até 1961 e houve 35 reuniões.

O movimento religioso continuou. Em 1930 o Sr. Pedro Matias construiu um cruzeiro na serra de Santa Maria. Ele era um homem muito religioso que sonhava em construir um convento para freiras no mesmo local. Começou a construção de

uma casa de oração, mas morreu sem poder realizar o seu sonho.

No ano de 1960 houve uma forte tempestade que levou a frente da igreja. Foi feito uma campanha e a igreja foi restaurada. Antes ela só tinha uma porta, o sino ficava no lado do poente, não tinha patamar e o cemitério encostava nela por trás. Na nova frente a igreja recebeu um patamar, o cemitério velho foi abandonado, ela ganhara três portas e um espaço central para colocar o sino. Em 1971 o Pe. Teofânio organizou a casa paroquial.

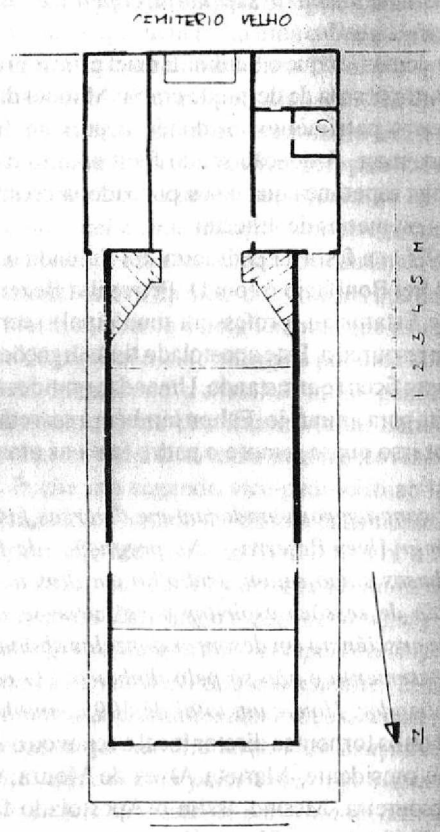


Fig. 3. Planta da capela de Santa Maria.

09. SÍTIO CAPIM, LEMBRANÇAS DA ÉPOCA DA CÓLERA

A cólera, que inspirou um dos maiores escritores da América Latina no seu livro "O Amor nos tempos do cólera" (Gabriel Garcia Marquez) e que está presente no nascimento dos lugares São Sebastião do Umbuzeiro e Santa Clara, passou igualmente pelo município de São João do Tigre e marcou mais forte o lugar fazenda Capim.

A Paraíba passou por dois ataques de cólera. O primeiro ataque, trazido por imigrantes portugueses, começou em maio de 1855 em Belém, passou de lá para Salvador e entrou nos fins de dezembro pelo município de Monteiro. A grande mortandade houve até junho de 1856. Morreram na Paraíba 25.400 pessoas, quase uma em cada dez pessoas. Na paróquia de São João do Cariri morreram 1.154 pessoas. O combate da doença foi dificílimo: faltaram médicos (só tinha um fora da capital), faltou transporte, comida, organização, deixando o povo desesperado e um caos total. O segundo ataque começou nos primeiros dias de janeiro de 1862 e teve origem em Pernambuco no ano anterior, em dezembro. Esta cólera terminou em junho de 1862 e deixou no estado 3.323 mortos, dos quais poucos na nossa região.

A história do sítio Capim começa com o primeiro ataque da cólera, no ano de 1856. Naquela época vivia na fazenda Capim um vaqueiro de nome Barnabé Ferreira da Costa, tio de Mons. Estanislau e tio de Laurentino. Todos eles descendentes de Antônio Ferreira da Costa, fundador da família e de Pindurão (1780-1873). Este Barnabé notou as dificuldades de transportar os corpos dos falecidos para os cemitérios existentes, por serem muito distantes. Por isso resolveu preparar um local para sepultar os corpos dos falecidos. Ele entrou em contato com o vigário. Este lhe disse que cercasse um local e depois benzeria o terreno. Barnabé cercou um terreno com madeira e aí ficou um cemitério. O livro 9 dos batismos de São João do Cariri confirma como o padre José de Souza Magalhães visitou o Capim no dia 18 de julho de 1856. Além de batizar ele deve ter dado a benção sobre o novo cemitério. Com o decorrer dos tempos a cerca ficou em ruínas. Tudo ficou em campo e assim foi proibido de sepultar corpos lá. No começo de 1890, quando houve a instalação do patrimônio de São João do Tigre por José Medeiros, este último restaurou o cemitério e o cercou com tijolos, com a ajuda do povo da região. Ele fez isso com a aprovação do então vigário Manoel Ubaldo de Castro Mendes. Em 1915 foi feito uma capelinha por Maria Rita Correia. Esta capelinha foi dedicada a Santa Quitéria e a sua imagem foi doada por Mariana Rodrigues da Costa. Com o decorrer dos tempos o cemitério foi abaixo novamente e outra vez foi proibido a sepultura dos corpos por se acha-lo em campo. O terreno foi comprado por José Quirino Filho. Este, nos anos 1940, entrou em contato com o vigário frei Mauro. Decidiu restaurar o cemitério e assim

conseguiu licença para usa-lo novamente. Os seus herdeiros queriam valorizar a lembrança de seu pai e decidiram construir uma capela maior perto do cemitério. Esta construção começou em 1968 na época de Mons. Honorio e terminou em 1972 na época de Pe. Teofânio. A capela recebeu como padroeira N.S. do Carmo. Hoje em dia a região ficou quase sem moradores e o cemitério está perto de cair de novo, esperando outra pessoa para tomar conta da sua restauração.

10. CACIMBINHA, TERRA DE UM CATOLICISMO FIRME.

Tudo indica que a habitação das terras de Cacimbinha é mais antiga do que a do próprio Tigre. Os primeiros habitantes devem ter chegado em 1830. Eles se fixaram na região porque foi fácil de encontrar água aí. E as terras brancas eram ótimas para criar bode. Nas épocas secas sempre tinha um refúgio nas serras com um clima mais úmido e moderado.

O flagelo da cólera passou por aqui como em toda a região e isso levou o Sr. Luís Monteiro (Luís Bispo) a construir um cemitério, o chamado cemitério velho. Foi exatamente nesta época que cresceu a fama de São Sebastião e que ele se tornou o grande protetor de Cacimbinha. Desde a idade média este santo foi venerado na Europa como protetor contra a fome, a guerra e a peste (as flechas no seu corpo representavam a doença da peste).

O cemitério recebeu uma capelinha e durante muitos anos o padre celebrava missa ali. Parece que isso começou em 1861 porque o livro dos batismos consta que no dia 26 de julho de 1861 foi batizada uma menina no oratório privado de Cacimbinha de Baixo (o lugar deste cemitério) por Pe. José de Souza Magalhães. Antes desta data o livro já fala em visitas dos padres num oratório privado em Cacimbinha.

Os padres começaram a visitar Cacimbinha com mais freqüência e desde 1938 mensalmente. O povo continuava a celebrar as suas novenas de modo popular. Cacimbinha tornou-se conhecida pela quantidade de festas religiosas. Assim a família Monteiro de Cacimbinha de Baixo comemorava cada ano o mês de Maria, no dia 8 de dezembro N. S. da Conceição e a semana santa, inclusive com uma vigília na sexta-feira. Mais para cima a família Antão celebrava a novena de São Sebastião. Na casa de Boaventura se rezava uma novena de N.S. da Conceição no dia 2 de fevereiro. Foram tantas as novenas que o povo de Cacimbinha de Cima gostava de criticar. Mais nos outros sítios lá perto o povo rezava também. Em Aroeira na casa de D. Julia a novena de Santo Antônio, na casa de João Caetano a novena de São João, no Riacho Fundo a novena de São Francisco, em São Miguel na casa de D. Filipa a novena de São Severino dos Ramos. A novena mais antiga da região era sem dúvida a novena de São Miguel. Esta novena começou em 1840 na fazenda de Sr. Zé Pintado (1820 - 1900).

Cacimbinha, no início não cresceu muito. Em 1909 tinha três casas. Só depois a população começou a aumentar e no ano de 1928 foi feito um novo cemitério, o segundo, inaugurado no dia 14 de fevereiro de 1928 por frei Gabriel Malterpary o.f.m. Isso sem contar com um cemitério particular na divisa de São Miguel e Cacimbinha de Cima, cemitério onde ficou enterrado o Sr. Antônio Monteiro. Este cemitério não serve muito para homenagear o falecido: hoje é um chiqueiro de bodes.

Toda a religiosidade do povo de Cacimbinha devia resultar em alguma coisa a mais. No começo do século o Sr. Manoel Marques era o dono de todas as terras de Cacimbinha. No ano de 1914 surgiu a história que o mundo ia se acabar e por isso ele vendeu todas as suas terras e seu gado. Foram vários os compradores e nos anos de 1940 tinham três proprietários em Cacimbinha: Pedro Bezerra de Camalaú, Pedro Antão e Luís Duque. Frei Mauro falou com os três e sugeriu a construção de uma igreja. Os três proprietários mediram um patrimônio, mais não souberam dizer na terra de quem ele tinha caído. Por isso combinaram: se o patrimônio cair na terra de qualquer um de nós, a terra será doada. Isto foi testemunhado de boca. A primeira coisa a ser feita agora foi a escolha de um mestre de obra, para levantar a igreja. Foi escolhido o filho do velho Antão, homem muito rico que tinha falecido em 1947: Manoel Antão (05.11.1902). A sua primeira preocupação foi arrumar recursos. Ele fez uma reunião familiar com seus irmãos e irmãs: Luzia, Maria, Joana, Zé, Antônio, Pedro, Joaquim, Francisco e Cecilio. Eles combinaram de vender uma parte do rebanho de bodes, a herança do seu pai falecido. Além disso o Manoel era um jogador profissional: jogava por dinheiro, até o dia de hoje. Nas feiras de Jataúba, ele ganhava dinheiro, jogando sueca. O dinheiro que ganhava ia ser aplicado na construção também. O seu irmão José batia os tijolos e junto com o irmão Antônio, ele enfrentou o trabalho de pedreiro. O frei Mauro fez um desenho da frente da igreja: um desenho detalhado com uma precisão de 10 centímetros e feito em papel de quadrinhos. A construção podia começar: a família Antão na frente e o povo em redor dela, trabalhando em mutirão, de graça e por dinheiro. Assim Cacimbinha construiu uma igreja forte e conforme o plano de frei Mauro. O seu padroeiro foi o do velho Antão, que como eles dizem, era filho de Luís Monteiro, o construtor do antigo cemitério.

Depois de terminar, um dos doadores do patrimônio e membro da família Antão, ficou o seu zelador: Pedro Antão da Costa (12.08.1908 - 17.06.1965). Seguindo o costume do velho Antão, todo ano se faz a festa de São Sebastião, seu padroeiro e o protetor contra aquela doença que antigamente matou tanta gente. Hoje a localização da capela está em discussão. Não houve um planejamento "urbano" e assim a igreja ficou mal colocada no meio das ruas atuais.

Em Cacimbinha existe o lugar "Olho d'água do Padre". Este nome tem a ver com Sr. Antônio Bispo da Costa, que era sacristão do citado frei Gabriel de Pesqueira. Sr. Antônio nasceu na fazenda onde fica este olho d'água. O padre de vez em quando passava dias na fazenda e assim nasceu o nome.

O ensino em Cacimbinha começou em 1947 na escola de Maria do Carmo Neves. Em 1962 chegou aí a jovem professora e recém casada D. Dorinha, que até hoje está educando a sua comunidade com muita dedicação e que, sem dúvida, deixou grandes resultados.

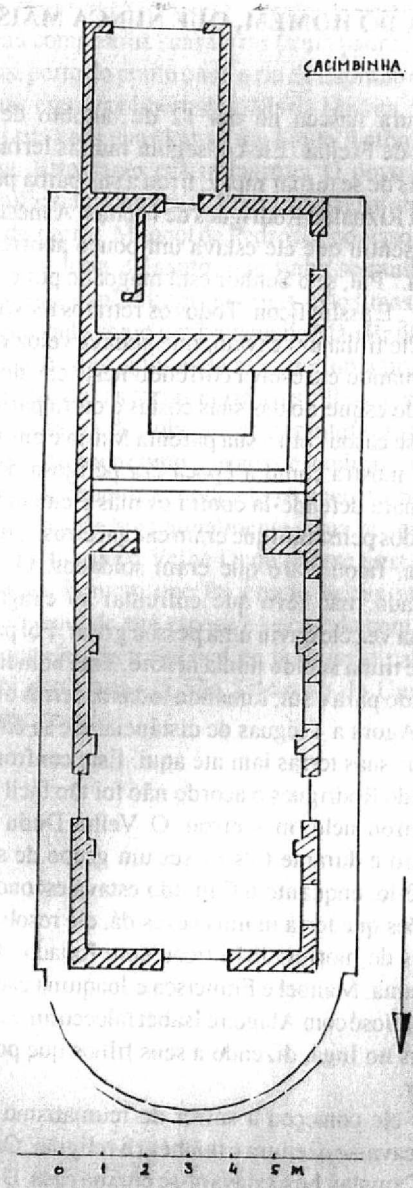


Figura 4 - Planta da capela de Cacimbinha

11. INGÁ, A TERRA DO HOMEM, QUE NUNCA MAIS CORTOU A SUA BARBA

Na família Ventura nasceu no dia 12 de outubro de 1856 um menino, Estanislau Rodrigues de Freitas. Ele conseguiu muitas terras na região do Ingá. Este Estanislau, depois de se tornar rapaz, tirou a sua barba pela primeira vez sem pedir licença a seu pai Rizualdo Rodrigues de Freitas. A mesma noite ele foi pedir a benção a seu pai e sentiu que ele estava um pouco aborrecido com ele. A sua reação foi de imediata. "Pai, se o Senhor está magoado por causa da minha barba, nunca mais tiro a não". E assim ficou. Todos os retratos mostram este homem com a sua barba grande. Ele tinha um cavalo, que andava veloz e que por isso tinha o nome de Ventania. Quando ele estava correndo neste cavalo, a sua barba ia atrás dele, uma parte ao lado esquerdo das suas costas e outra parte ao lado direito. Em 1890 este Estanislau se casou com a sua parenta Maria e em 1901 fez uma casa no sítio Ingá. Esta casa mostra como a época era perigosa. Ela tinha trincheiras. Assim daria melhor para defendê-la contra os más elementos. Certo dia veio um bando de homens. Todos pensaram que eram cangaceiros. Quando eles levantaram uma bandeira branca, ficou claro que eram soldados. O "Velho Dudu" como Estanislau foi chamado, não teve que enfrentar só cangaceiros mas também questões de terra. Uma vez ele ouviu uma pessoa gritar. Foi para o lugar da gritaria e viu um homem, que tinha subido numa árvore. Este homem veio da Fazenda da Serra e estava descendo para o sul, tomando todas as terras onde os seus gritos não recebiam respostas. Agora a 4 léguas de distância, ele se encontrou com o Velho Dudu e decidiu que as suas terras iam até aqui. Este confronto terminou em paz. Com um certo Candido Rodrigues o acordo não foi tão fácil e num dia de feira no Tigre, o Candido atirou nele, mas errou. O Velho Dudu foi pedir socorro na delegacia de Monteiro e durante três meses um grupo de soldados ficou na sua fazenda para protegê-lo, enquanto o Candido estava escondido em Pernambuco. Sabendo das confusões que terra muitas vezes dá, ele resolveu dividi-las entre os seus oito filhos antes de morrer: João ficou com Rajada, Ana com Travessada, Conceição com Baraúna, Manoel e Francisca e Joaquina cada um com 100 braças em Barra de Cacimba, José com Alagoa e Isabel faleceu antes de herdar. Ele mesmo ficou com 200 braças no Ingá, dizendo a seus filhos que por tão pouca terra não valeria a pena brigar.

Depois de 1910 ele começou a sofrer de reumatismo e por isso não podia trabalhar mais, dedicava-se a leitura e também a religião. Os padres que passaram de Umbuzeiro para Camalaú hospedavam-se em sua casa. De vez em quando tinha missa, ele rezava novenas e o mês de maio e batizava crianças. O povo diz que ele viveu como um padre. Sendo riquíssimo, tinha muita criação e gado. Todo ano em setembro e outubro organizava uma festa de oito dias de pega-bode para poder

contar o seu rebanho.

Quando Estanislau comprou as suas terras (a um padre? Padre Estanislau?), moravam nestas terras, perto do ponto onde o rio de Espinho e o rio das Cacimbas se encontram, algumas escravas libertadas: Maria Mulata, Isabel Mulata e seu irmão Mulatinho. Na sua casa guardou-se um Santo Antônio, o Santo Antônio de Barra de Cacimba. Este santo era milagroso. O povo conta como ele foi invocado quando a mulher de Manoel de Pedro estava sofrendo para descansar. O parto, complicado, deu certo. Manoel de Pedro fez por isso uma promessa para soltar muitos foguetes na festa do santo, que tinha se mudado para a casa de Estanislau. Aconteceu que explodiram nas suas mãos mas ele não teve nada. Também está sendo lembrado como um homem de Mão Beijada foi procurar dez novilhas e uma vaca e não conseguiu nada até fazer uma promessa a este santo. Quando o Velho Dudu dividiu as terras entre seus filhos, ele mandou fazer uma capela para ele perto da casa aonde tinha ficado durante tantos anos, porque Santo Antônio não era dele mas do povo como gostava de lembrar. Assim foi construído uma capelinha na terra de Joaquina, onde ele recebeu 10 braças quadradas de terra. Aqui se reza até o dia de hoje anualmente a sua novena.

O santo não podia evitar que o Velho Dudu tivesse uma grande intriga com o Sr. Manoel das Moças, homem que foi criado nestas mesmas terras. Este Manoel tinha roubado a irmã de sua esposa e se casado com ela. Isso deu numa grande confusão, porque ele não tinha pedido permissão para casar.

O Velho Dudu foi enterrado em São Sebastião do Umbuzeiro no ano de 1950... com a sua barba grande.

12. QUATI-BONITA, A COMUNIDADE CAÇULA DA PARÓQUIA

Esta comunidade fica na divisa de tudo: a divisa de Pernambuco e Paraíba, a divisa da diocese de Pesqueira e Campina Grande, a divisa das paróquias de São Sebastião do Umbuzeiro, Poção e Jataúba. Comunidades na divisa correm um alto risco: elas estão sendo esquecidas com facilidade pelas suas autoridades. Por isso é de admirar que o Pe. Frederico, quase na sua saída da paróquia, descobriu esta comunidade e organizou missões lá no final de 1988. O povo admirou-se: que padres estranhos aqueles missionários redentoristas, que visitaram as casas. Sem dúvida eram padres comunistas. Mas a semente foi plantada e algumas animadoras exigiram do novo vigário, Pe. João, visitas regulares. Mensalmente houve missas, batismos, casamentos. Foi organizado a catequese e crisma. Nasceu um grupo de jovens. Em 1992 a comunidade organizou eleições, não para escolher um político, mas para escolher um padroeiro. A vitória enorme foi para Santa Luzia com quase 90 por cento dos votos. O povo não se contentava com a sua padroeira e logo começou a pensar em sua casa, uma capela. A construção começou em julho de 1992 com o mestre de obra o Sr. Luís Alves Bezerra. Houve campanhas para arrecadar dinheiro e na festa de Santa Luzia no ano de 1993, dia 13 de dezembro, houve a inauguração oficial da capela, que foi entregue ao conselho.

13. VIDA E MORTE TIGRENSE

Usando os livros de óbitos e de batismos, fizemos a seguinte lista. Nesta lista incluímos os dados de São João do Tigre, Cacimbinha e Santa Maria.

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1912	28	34	-	-	-	-	-	-
1913	45	44	-	-	-	-	-	-
1914	38	38	-	-	-	-	-	-
1915	29	50	-	-	-	-	-	-
1916	37	21	-	-	-	-	-	-
1917	51	45	-	-	-	-	-	-
1918	27	33	-	-	-	-	-	-
1919	28	33	-	-	-	-	-	-
1920	26	29	-	-	-	-	-	-
1921	43	50	-	-	-	-	-	-
1922	96	77	-	-	-	-	-	-
1923	91	84	-	-	-	-	-	-
1924	82	96	-	-	-	-	-	-
1925	82	98	-	-	-	-	-	-
1926	87	80	-	-	-	-	-	-
1927	81	92	-	-	-	-	-	-
1928	99	92	-	-	-	-	-	-
1929	60	55	-	-	-	-	-	-
1930	73	66	-	-	-	-	-	-
1931	49	41	-	-	-	-	-	-
1932	36	44	08	03	39	41	03	04
1933	30	35	11	04	53	47	13	07
1934	53	43	-	10	-	31	-	11
1935	62	64	04	06	36	49	05	05
1936	55	56	-	03	48	48	02	08
1937	89	65	03	02	52	39	03	07
1938	85	75	02	01	60	55	04	07
1939	91	112	01	01	24	49	02	03
1940	98	98	03	-	38	38	05	02
1941	102	118	04	01	46	40	04	01
1942	116	102	04	06	-	57	-	05
1943	130	119	12	04	67	41	03	07
1944	79	66	13	09	58	54	05	06
1945	104	109	02	02	43	27	04	06

1946	134	114	12	13	46	54	06	08
1947	163	129	10	11	60	49	15	05
1948	190	160	07	05	33	58	05	14
1949	146	144	06	13	47	54	10	10
1950	132	135	02	01	80	65	03	08
1951	116	114	07	05	60	51	04	08
1952	114	108	05	05	54	38	09	01
1953	64	86	02	02	73	38	04	06
1954	85	74	01	01	89	-	01	-
1955	112	98	-	-	46	48	01	03
1956	102	103	-	-	-	-	-	-
1957	109	76	-	-	68	-	02	-
1958	53	36	-	-	51	70	01	04
1959	65	58	01	-	58	37	02	01
1960	73	56	-	-	68	72	02	02
1961	74	83	-	-	55	-	02	-
1962	63	49	-	-	72	85	03	02
1963	50	49	01	-	-	24	-	03
1964	78	71	-	-	35	-	01	-
1965	76	72	-	-	51	54	03	04
1966	68	55	01	-	90	67	02	03
1967	65	68	01	01	74	-	02	-
1968	64	61	01	-	58	27	06	03
1969	71	46	-	01	38	43	05	04
1970	102	99	03	-	64	55	07	05
1971	112	113	-	-	57	73	10	03
1972	44	38	-	-	65	58	18	06
1973	87	63	02	02	63	51	12	03
1974	54	64	04	04	58	49	13	14
1975	42	33	02	01	63	61	31	13
1976	50	50	-	01	61	60	06	07
1977	33	39	02	-	61	57	18	11
1978	30	31	01	05	70	64	13	05
1979	17	28	01	-	57	70	17	10
1980	20	15	-	-	65	68	20	11
1981	33	22	02	01	65	77	13	11
1982	32	44	-	03	59	66	13	15
1983	48	35	01	01	62	72	12	17
1984	30	30	03	02	55	58	16	16
1985	37	37	01	01	73	71	19	12

1986	39	30	02	01	65	65	20	09
1987	60	59	02	03	67	64	13	10
1988	53	48	03	01	65	70	19	18
1989	40	46	04	01	56	65	07	11
1990	35	46	01	02	70	73	12	25

Explicação da tabela, conforme o número da coluna:

01. O ano considerado.
02. Número de crianças homens batizados.
03. Número de crianças mulheres batizadas.
04. Número de crianças homens falecidos antes de completar um ano.
05. Número de crianças mulheres falecidas antes de completar um ano.
06. Idade média dos homens falecidos, sem contar com as crianças homens falecidos.
07. Idade média das mulheres falecidas, sem contar com as crianças mulheres falecidas.
08. Número de homens falecidos.
09. Número de mulheres falecidas.

Estes dados nos conduzem só a poucas conclusões:

01. O registro de óbitos é fraco comparando estes dados com os de Camalaú. Parece que especialmente os recém-nascidos, que morreram, foram esquecidos.
02. Durante os anos 1922 até 1971 sempre houve mais batismos em Santa Maria do que no próprio Tigre.
03. Os últimos anos se nota uma grande queda no número de batismos, resultando da redução dos nascimentos.
04. Os dados não mostram mais rapazes nascidos do que moças, nem mulheres mais idosas do que homens.
05. Se nota que durante os anos a idade média aumenta: hoje o pessoal não morre mais jovem do que antigamente, ao contrário.

14. TIGRE DE BAIXO, A SEDE DO ATUAL MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO TIGRE.

14.01. Sobre o nome

A região do atual município de São João do Tigre era, dentro da atual paróquia, a região mais desabitada e mais isolada. Tinha uma estrada, passando de Poção para Umbuzeiro e Monteiro. Viajar por esta estrada era perigoso, tanto por causa dos ladrões, como por causa das onças, que viviam aqui em abundância. A prova disso são os nomes dos lugares. Tinha Tigre de Henrique Dias-Pe, Tigre perto de Capitão Mor, Suçuarana (um tipo de onça) entre Sertania e Zabelê, Tigre perto de Camalaú, Serra da Moça onde uma onça devorou duas moças, Espera de Onça, Tigre Novo, Tigre de Baixo e Tigre de Cima. Esta parte da região Cariri foi batizada Tigre Moderno no livro de Frederico Bezerra Maciel. O povo conta que no lugar Tigre de Cima foi morto um tigre grande. Isso aconteceu também no lugar Tigre de Baixo, no oitão da antiga capela. Hoje nós sabemos que estes animais não são tigres legítimos. São tigres americanos, ou jaguares, ou onças (Panthera onça) e eles são menores do que os tigres da Índia. Mesmo assim a estória diz que a onça morta em Tigre de Cima tinha 150 quilos, um monstro... deve ter sido uma onça pintada.

Em 1895 foi doado por escrito um patrimônio a São João no lugar chamado Tigre de Baixo. A doação foi feita por Cândido José Bezerra e sua mulher Maria Ferreira da Costa. São João (a mitra diocesana) foi representado por seu filho José Bezerra. Este tinha recebido do seu pai o apelido "Medeiros" porque achou bonito. Alguns dizem que este nome veio do estrangeiro (da França). Nós mesmos achamos que este nome pode ter ligações com o Pe. Francisco Rochael de Medeiros que desde 08 de julho de 1875 de vez em quando celebrava missa no Tigre. Seja como for, este José se tornou a pessoa principal da sua família, apesar da sua vida curta. O seu apelido passou para todos os seus familiares. Não só para eles; também para o lugar que estava nascendo em Tigre de Baixo. Logo o seu nome popular era: Tigre de Medeiros. O nome oficial ficou: Tigre e depois Vila de Tigre. No ano de 1944 muitos nomes de cidades da Paraíba foram mudados (decreto lei 211, 2 de março de 1938) e assim Vila de Tigre recebeu o nome de Jacarará, que quer dizer "tortuoso", o nome da serra na sua divisa no sul. Em 1949 houve mais uma mudança (lei 318, 7 de janeiro), porque o povo tinha se revoltado contra os novos nomes. O nome Jacarará se mudou em São João do Tigre. Este nome fazia uma ligação entre a terra inacessível e habitada por animais selvagens como a onça e a pacificação destas terras com a chegada do homem (branco) e sua religião, o catolicismo. Em 1959 o lugar se tornou distrito do novo município de São Sebastião do Umbuzeiro e em 1962 se tornou independente.

14.02. As Raízes do Tigre

A história, que foi descoberta até agora, começa com a união de duas famílias. Uma família tradicional, a família Ferreira da Costa, família enraizada em Pindurão desde mais ou menos 1780 com a chegada do pernambucano Antônio Ferreira da Costa. Este homem riquíssimo conseguiu deserdar todos os seus filhos por terem matado a sua amante. Mas ele não conseguiu acabar com o talento deles: crescer na vida. Os seus descendentes se tornaram donos de muitas terras no pé da serra Jacarará até Umbuzeiro. Uma das suas descendente era Maria. Esta chegou a conhecer um homem que não tinha um passado claro: Cândido José Bezerra. Sobre a sua família não se sabe nada. Uns dizem que ele veio de Pernambuco, outros dizem que ele tinha cometido um crime em Portugal e para fugir da pena tinha viajado para o Brasil. Os dois se casaram e começaram pobres, trabalhando na terra dos outros como moradores. Nós não sabemos se foi na terra de Barnabé Ferreira da Costa, uma parente distante de Maria, ou se foi na terra do seu sobrinho Laurentino Ferreira da Costa, um tenente coronel com muita influencia em São Sebastião do Umbuzeiro. A sua família começou a crescer. Nasceram 11 filhos: Gedeão, José, Joana Mocinha, Maria, Cirila, Sebastião, Constância, Quitéria, Manoel, Mariano Cordeiro e Maria Cordeiro. Sustentar uma família deste tamanho nas terras áridas do nosso Cariri... Dá para entender que a mãe se deitou muitas noites pensando em como criar todos os seus filhos. Mas ela sabia que não era sozinha. Ela era uma mulher piedosíssima e acreditava muito num intercessor especial para com Deus: São João. Ele morava na sua casa num oratório, pequeno, vinte centímetros de altura, feio e de madeira. Ano após ano ela se ajoelhou diante do seu santo, pedindo a Deus por sua intercessão que ela e a sua família pudessem comprar terra: diariamente isso foi a sua última atividade. A sua família tinha o costume de plantar algodão numa terra baixa e boa. Perto de 1890 aconteceu que o gado do fazendeiro invadiu estas terras, cobertas com algodão florando. Não ficou nada. O fazendeiro não podia fechar o seu coração diante de seus apelos, e ela recebeu a promessa de uma indenização. O seu esposo estava viajando, mas ela tomou a frente de tudo, comprou um terreno, e Cândido ao voltar estava diante de um negócio feito. Desesperado ele perguntou como ela iria pagar estas terras. A resposta era uma resposta que provinha de uma grande fé: "São João ajudará". De fato, ela recebeu a indenização e pagou as terras. Ela estava tão grata que deu a São João um patrimônio enorme, nas terras altas e menos adequadas para trabalhar. Por tudo isso nós podemos considerar a Maria Ferreira da Costa, esta mulher pobre, mãe de uma grande família, trabalhadora e piedosa, a fundadora verdadeira de São João do Tigre.

14.03. O Patrimônio

O escritório de Monteiro guarda nos seus arquivos no livro 30 fls. 19v a fls. 20v. a seguinte escritura:

"... aos vinte e sete dias do mês de outubro do ano de mil oitocentos e noventa e cinco... em meu cartório compareceram, como doadores, Cândido José Bezerra e sua mulher D. Maria Ferreira da Costa, moradores do sítio Tigre deste termo, e José Bezerra de Medeiros, este como procurador do Patrimônio doado ao Glorioso São João e aqueles como doadores do mesmo Patrimônio assima referido... E pelos doadores me foi dito que, sendo eles senhores possuidores de um sítio de terras de criação, sito no lugar Tigre de Baixo deste termo, sendo ditas terras demarcadas e livres de todo e qualquer ônus de justiça, e que dentro dessa propriedade de que são possuidores faziam doação de duzentas braças de terra, sendo estas de frente com meia légua de fundo, sendo a dita frente de norte a sul a pegar do marco do finado Cassimiro com direção ao pé de Jucá que fica defronte o lado do sul, até onde interarem as ditas duzentas braças de terras e daí seguirá para o lado do Poente até onde der ou inteirar meia légua da mesma terra, da propriedade de Santa Maria; e que das ditas duzentas braças de terras com meia légua de fundo já referida, e tudo no valor de trezentos mil réis, faziam doação ao Glorioso Senhor São João Batista para seu patrimônio, visto como alli elles, doadores, pretendem erigir uma capella dedicada ao mesmo Santo...assignam, depois de lida e acharam conforme assignado pelos doadores por não saberem escrever... o procurador do dito patrimônio que assignou de seu próprio punho..."

Conclusões, que nós podemos tirar deste documento são:

01. O patrimônio doado tem um tamanho muito grande: 130 hectares de terra.
02. Foi o filho José Bezerra de Medeiros do casal doador, que representava a mitra diocesana. É de estranhar porque ele não era o filho mais velho, no dizer de algumas pessoas.
03. O casal doador não sabia escrever, o seu filho sabia. Os doadores pareciam pessoas que davam valor a estudar.
04. A doação por escrito foi feita no dia 27 de outubro de 1895. Isso não cancela a possibilidade de a doação ser feita antes verbalmente.
05. Na data da escritura não existia capela ainda, esta foi feita depois.

14.04. A Capela

Em 1895 São João recebeu sua terra. Até então o casal tinha o costume de festejar a sua novena num casarão velho que existe no sítio Mulungu. Eles sempre

participavam nas missas da cidade de Poção e convidavam o padre de lá para celebrar a missa na sua casa. Sem dúvida o padre Estanislau celebrava missas aqui. Em maio de 1873 já foram registrados batismos no oratório privado de Laurentino Ferreira da Costa e num oratório privado na fazenda do Tigre, batismos feitos pelo mesmo padre Estanislau. Agora chegou a hora de construir uma pequena capela. Sentindo as dificuldades de seus pais, o José Bezerra de Medeiros, convidou o Sr. Manoel Rodrigues Evangelista, um dos pioneiros do povoado, que estava nascendo, e seu irmão Mariano Cordeiro para a construção. O lugar escolhido foi no lado leste da atual praça José de Medeiros. A igreja era pequena e a construção foi terminada no ano de 1896. Logo depois Medeiros foi para Recife e comprou lá uma outra imagem de São João, a imagem atual, e deu-a de presente a seu pai. A chegada desta imagem foi uma das maiores festas da época. Devemos anotar que a imagem original nos apresenta São João como adulto, com pele de animal e um manto vermelho e um cordeiro aos seus pés. A imagem nova nos apresenta São João como criança e com uma bandeira que diz em Latim "Ecce Agnus Dei" (Este é o Cordeiro de Deus). Na verdade a festa que se celebra no dia 24 de junho é a festa da natividade de São João. Só no dia 29 de agosto a igreja festeja o seu martírio. A festa de São João é a festa do primeiro santo a ser venerado na igreja universal e a única festa que a igreja dedica ao nascimento de um santo.

As primeiras missas lotaram a igreja e assim veio a necessidade de aumentá-la com uma varanda. Aqui foram enterrados José Bezerra de Medeiros, falecido em 1908 com 35 anos de idade, sua esposa e Cândido José Bezerra, falecido em 1935. A primeira zeladora da igreja foi Constância, irmã de Medeiros. Ela tinha como apelido Coi e era tão abusada que até frei Odorico tinha medo dela. A capela ficou pequena demais e foi decidido levantar outra no lado oposto da mesma praça: a capela atual. Aqui nós descobrimos mais uma vez a mão de Deus porque a sua construção não foi fácil como frei Antonino, o seu idealizador, escreveu em dezembro de 1940:

"No dia 21 de novembro o santo missionário benzeu a primeira pedra da nova capela de São João. Nos dias da santa missão o povo carregou tijolos. Uma comissão foi encarregada de pedir esmola em favor da nova capella. O pedreiro responsável pela construção é Sebastião Vieira, natural de São Sebastião. Deus e São João queiram abençoar a obra porque se Deus não abençoar a obra, os operários "trabalhem" em vão".

Frei Mauro continuou este trabalho do seu antecessor e disse em dezembro de 1943:

"Em agosto de 1942 foi levado ao fim a construção da nova capela de São João do Tigre, que frei Antonino tinha começado. Custou muitos sacrifícios aquele povo num tempo de grande seca e penúria. Até hoje a capela deu as despesas mais de 18 contos de réis. As vezes esgotaram-se os recursos mas nunca parou o

serviço graças a bondade de frei Antonino que duas vezes auxiliou com rifa de 2 cavalos e diversas famílias entrando com aumentada esmola. Hoje se vê a necessidade de uma capela nova neste lugar, ultimamente desenvolvido: há domingos que até a nova capela nem cabe o pessoal todo que assiste a missa".

Depois da sua construção houve alterações pequenas: na festa de 1947 o Sr. Zé Quirino Filho arrecadou dinheiro para o altar-mor, nos anos 70 o Pe. Teofânio construiu a casa paroquial e a garagem, e no ano de 1990 foi colocado um forro novo.

14.05. Pessoas que se destacaram no serviço da igreja

Já falamos em José Medeiros, o incentivador da construção da capela e sua irmã Coi, a primeira zeladora.

Uma pessoa que contribuiu muito a São João do Tigre tanto no aspecto religioso como nos aspectos sociais e educacionais foi dona Ana Raposo Aragão (11.02.1909 - 03.10.1994). Filha do Sr. Félix Ferreira Raposo de Pindurão (21.11.1886 - 30.11.1963) e Josefa Maria do Espírito Santo de Ingá, nasceu como filha mais velha na fazenda Boa Vista, fazenda que seu pai tinha comprado recentemente. O pai era um homem com idéias bem modernas e assim ele colocou a sua filha no colégio das Dorotéias em Pesqueira para estudar; a sua filha não podia ficar analfabeta. Ela quis se tornar freira lá, mas a obediência a seu pai pesava mais e assim ela voltou para o interior para ajudá-lo nas suas lojas do Tigre e do Umbuzeiro. Naquela época o prefeito de Monteiro e Mons. Rodas se interessaram em fundar um colégio no Tigre e assim D. Ana foi nomeada como professora no ano de 1930. Nesta época ela se casou com Sr. Augusto Aragão da Silva, veterano na luta contra os Perrepistas. Dona Ana ficou ensinando até 1952 em condições precárias mas com muita dedicação. Ela hospedava os freis que passaram pelo Tigre e durante muitos anos foi presidente do Apostolado. Depois de se aposentar por motivos de saúde, ela foi morar junto com seu esposo em Monteiro.

Um homem que se destacou nos seus serviços à Igreja era o Sr. Pedro Tutú Sobrinho (14.08.1928- 20.10.1985). Nascido em Pajeú, acompanhou os seus pais João Francisco Tutú e D. Maria Quirina da Conceição, para as terras do Tigre. Do seu pai aprendeu a profissão de carpinteiro. Ele se casou com outra professora do Tigre, D. Maria de Lourdes Ventura Lima e teve com ela 12 filhos. Ele não só se preocupava com a própria família mas com toda a família Tigrense e foi eleito vereador várias vezes. Na igreja ele estava entre os primeiros três coroinhas desde 12 anos de idade e sabia a missa em Latim. Ajudou muito na construção da igreja nova, carregando areia com um jumentinho. Fez as bancas da igreja, ajudou em muitas festas, era zelador do Coração de Jesus e zelava o prédio da igreja. Ele

trabalhava sempre com Sebastião Honório de Souza e Sebastião Borges e por isso o povo chamava os três: a Santíssima Trindade. Depois de sua morte sua esposa continuou os seus trabalhos, especialmente a luta com o patrimônio.

O Tigre possuía também um Apostolado da Oração. Infelizmente o livro de Atas sumiu e por isso é difícil traçar com certeza como ele funcionava. Deve ser fundado nos anos 20, como nos outros lugares da paróquia. Várias pessoas se destacaram: Coi, Apolinária a professora que tocava serafina, Maria Pinheiro, Sebastiana Apolinária, Quitéria Dudu, Ana Aragão, Maria Borges e Isa Borges (cantora), Ana e Rosita Borges, Socorro Aragão, Teresinha Tutú, Rita Quirino, Crispina Cândido, Lourdes e Auristella Feitosa.

Desde 1974 está atuando nesta igreja como agente pastoral a D. Maria de Ciliro, agindo quase como um padre e sem dúvida com a mesma dedicação. D. Maria Tutú ficou responsável pelo patrimônio depois da morte de seu esposo.

14.06. Uma Via Sacra

Uma via sacra, ao pé da letra, é uma caminhada que se faz na sexta-feira santa, acompanhando os últimos passos que Jesus fez na sua vida. No Tigre, a D. Maria Tutú faz outra via sacra: na semana santa ela tem o costume de visitar os lugares onde houve violência e assassinato. Que costume bonito e cheio de respeito pela vida humana! Lembremos estes lugares onde foi derramado sangue humano.

1907. Rita Emília de Carvalho. Ela foi assassinada na fazenda Jaramataia. Ela, casada, não tinha perdido nada ainda da sua grande beleza e acendeu no coração de um rapaz uma paixão sem limites. Ele tentou seduzi-la , mas ela defendeu a sua honra. O rapaz não soube aceitar a sua derrota e matou-a de faca. Depois se defendeu alegando loucura.

1918. Um velho desconhecido em Tigre Novo. Certa noite, as 18:00 hs passou por Tigre um velho "da mata" junto com um casal novo e um bebê. O velho estava com um burro cheio de fumo para vender e tinha muito dinheiro com ele para comprar queijo. Na bodega de Pedro, comprou um pouco de charque e bolacha e falou que estava viajando para Várzea do Mel em Monteiro. Eles continuaram a sua viagem e ninguém deu mais atenção a estes viajantes. Mas um tempo depois o delegado, Manoel das Moças, foi chamado para Monteiro: tinha desaparecido um velho "da mata". O Sr. Manoel começou a pesquisar e descobriu a passagem do velho no Tigre. Descobriu também que um jovem casal tinha passado em várias casas vendendo fumo e que numa casa tinha dito "A touca da criança ficou pendurada no pé de umbuzeiro: agora nós estamos perdidos". Em verdade Manoel encontrou a touca no Tigre Novo e perto da árvore descobriu o esqueleto do velho. O seguinte tinha acontecido: a noite eles foram dormir, o velho numa rede bonita e o casal no chão. Inventaram de roubar o velho. O homem pegou uma pedra e

bateu na cabeça do velho. Morreu na hora. Eles fugiram com a sua riqueza. O pé de umbu e a pedra se encontram hoje no mesmo lugar.

1950. Inácio Sessé em Barra de Cacimba. Era um homem direito que amava a sua esposa. Ela não o amava e fez a cabeça do seu pai de tal forma que este, enraivado, matou o seu próprio genro.

1960. Ireneu Tutú na Rua do Norte. Este tinha uma mulher dedicada e certa, mas ele abandonou-a por uma amante, que acabou de matá-lo na sua própria casa.

1962. Antônio das Moças na fazenda Felisberto. Ele foi assassinado por questões entre famílias.

1964. Zeza Taurino na rua do Norte na esquina. Aqui se tratou também de questões entre famílias. Ele foi morto num dia de vaquejada, depois de beber muita cachaça.

1970. Zé de Marcelo nas Salinas. Ele foi baleado na porteira. Motivo: ele acompanhava pessoas que não prestavam.

1971. Gabriel Gonçalves em Vermelhão. De novo se tratou de uma questão entre famílias.

1979. Ademar Monteiro em Tigre de Cima. Ele tinha o costume de se intrometer na vida dos outros e pagou por isso.

1980. Enedino foi morto no começo da rua do Norte, no momento que quis entrar na rua com a sua namorada. Aqui se tratou de "queimar arquivos".

1982. Arlindo Silva foi morto na praça com seis balas. O motivo foram bodes que sempre quebravam a cerca.

1983. Gerson em Poço de Pedra. Ele maltratava muito a sua esposa e por isso o seu irmão matou-o.

1984. Amilton Cantilino na rua. Ele estava causando muita desordem na rua. Houve um tiroteio com a polícia e foi morto.

1987. José de Santa Maria na rua do Norte. Foi uma briga de cachaça.

1990. Natal em São Tiago. Ele era um homem com muitos inimigos e deve ter sido morto por um deles.

14.07. A Mulher que Incentivou a Renascença

No meio dos filhos de Cândido José Bezerra e Maria estava a sua filha Cilira, irmã de Medeiros. Ela se casou com Manoel Cazuza e o casal gerou muitos filhos: Aucira, Hosea, Amélia, Elza (Lala), Ilda, Maristé, Enio, Assis, Crispiniano e Crispo, Odete e Irene, todos nascidos em São João do Tigre. Manoel Cazuza era um ardente seguidor de Zé Pereira de Princesa Isabel: ele era um Perrepista. Em 1930 este movimento foi derrubado e em Camalaú houve a última luta entre Perrepistas e os seus adversários, os Liberais. Os últimos ganharam: os primeiros mataram dois soldados e ainda conseguiram incendiar algumas fazendas. Depois

da derrota o Manoel ficou com medo e fugiu com a sua família para Poção-Pe. Lá ele criou a sua família.

A sua esposa por ocasião de um batismo, tinha mandado fazer uma roupinha especial para a criança: uma roupinha feita de renda irlandesa, uma novidade. Ninguém nunca viu. Ela tinha visto este trabalho na casa dos pais de Maria Pastora, uma menina que estava empregada no colégio Santa Teresa Recife, um colégio das Damas Cristãs, freiras da Bélgica. Lá ela tinha aprendido este tipo de artesanato. Até então o povo só conhecia renda de birro, introduzida de Portugal. Visitando a casa dos seus pais, ela sempre levava os seus trabalhos. Assim ela ganhava alguma coisa a mais. Ela tinha o costume de trabalhar no escondido: ninguém podia ver como ela fazia a renascença. Quando Lala foi a casa dela para pegar a roupinha do batismo ela estava trabalhando ainda. Lala prestou bem atenção e depois ao voltar para casa inventou de fazer este tipo de renascença também. Foi a Pesqueira para comprar material. A vendedora no início não quis vender nada, porque ela vendia somente a Maria Pastora. Mas ela insistiu, conseguiu o material e começou a trabalhar. Se mostrou uma pessoa inteligente e aprendeu logo. Depois, no começo dos anos 1940, começou a ensinar a outras pessoas. Deve ser lembrado que naquela época não se usava papel mas fazenda para pregar a renascença. Logo, logo ela teve que arrumar uma sala para poder ensinar a todas as mulheres que queriam. E foram demais, porque as moças de Poção não tinham emprego. O que foi feito na sua escola, Lala levou a Pesqueira, para vender. Depois entrou em contato com dona Aura de Jatobá, uma mulher rica de Pesqueira. Ela começou a comprar e vender em Recife.

Apesar de ganhar dinheiro e fornecer trabalho a muita gente, Lala sentiu um grande vazio na sua vida. A lei do amor não se nega. Ela fugiu com o seu namorado José Euflausino de Lemo (1919 - 1983) para Belo Jardim. Desgostou muito a seus pais mas depois de um ano voltou. As relações se normalizaram e o seu pai se tornou uma grande ajuda na comercialização. No dia 24 de junho de 1985 Lala faleceu com 70 anos de idade e foi enterrada junto com seu esposo, no cemitério local. O que resta dela hoje é uma cruzinha de madeira, que já está caindo. O historiador de Poção, Mário Batista Vieira de Melo, não dedicou nenhuma palavra a esta mulher que fez Poção crescer.

Para não cometer uma injustiça, devemos lembrar outra pessoa que fez muito para a implantação da renascença em Poção: D. Juviniana de Vasconcelos, dona Vita. Ela botou nos fins dos anos 50 uma fábrica, criou muito emprego e ensinou a arte de renascença a muitas mulheres. Para muitas foi ela a fundadora da renascença de Poção. A nós parece mais provável que Lala começou e que dona Vita deu um grande impulso a indústria que foi fundada por esta filha da família Medeiros, nascida em São João do Tigre.

14.08. Manoel das Moças, o Homem de Sangue Indígena

Vila de Cimbres. Ano de 1862. Lugar abandonado, distrito da cidade de Pesqueira. Perdeu a glória antiga da primeira aldeia do interior de Pernambuco. Foram-se os seus protetores, os padres Oratorianos. A tribo Sucuru quase não existe mais: a maior parte dela assassinada. Os outros Índios sobrevivendo, quase sem terras. A memória de índios bravos cortada. Perdida toda a glória antiga. A sua população degenerada, dizimada, roubada, sem lembranças dos tempos antigos. Como sobreviver? Muitas Índias só tinham uma saída: a prostituição. Assim nasceu no dia 3 de março de 1863 um menino, filho de uma mulher "pegue a dente de cachorro".

Seu pai não queria que ele se criasse no meio dos Índios. Ele tinha que sair de lá. Nem se sabe mais direito como foi. Uns dizem que ele foi roubado pelo Sr. Augusto Caraciolo com apenas 1 ano de idade e que ele foi levado para Barra de Cacimba, onde foi criado por três moças, Bernardina, Maria e Mariazinha. Recebeu o nome de Manoel Evangelista de Freitas e o apelido Manoel das Moças por causa das mulheres que o criaram. Ele soube agradecer e deu o nome das três moças a três das suas filhas. Outros dizem que ele foi tirado de Cimbres com 12 anos e foi criado em Barra de Cacimba pelas duas mulatas de Santo Antônio. O seu apelido teria a ver com a serra que ele tinha deixado: a Serra das Moças.

No decorrer dos anos ele recebeu um convite para construir a sua casa na rua (no começo o estilo era assim). Ele aceitou, mas comprou também a fazenda Felisberto e lá construía uma casa de morada, bonita e uma fábrica para descaroçar algodão e produzir mel de cana-de-açúcar. Aqui o Manoel criou a sua família depois do seu casamento com D. Terezinha. Houve 11 filhos: Vicente, Estanislau, Sebastião, Antônio, João, Manoel, Bernardina, Maria Dolorosa, Maria, Antonia e Maria. Na sua fazenda plantava e criava. Além disso foi durante 15 anos delegado no Tigre, um cargo perigoso. Na comunidade foi um homem respeitado e consultado. Ele tinha uma devoção especial por N. S. do Monte Serrat. Por isso fez na sua fazenda uma capela. Mas esta foi dedicada a N. S. do Bom Parto. Todos os anos nos dias 14 e 15 de agosto celebrava uma novena e uma missa na festa para ela.

Ele faleceu no dia 28 de outubro de 1958 e foi sepultado em São Sebastião do Umbuzeiro.

14.09. A Família Chaves, Família com grande Influência na Política

Esta família é uma das famílias com mais influência na nossa região e além disso uma família tradicional. No Tigre ela chegou somente nos anos 1940. Vamos ver um pouco da sua história.

A família tem suas raízes em Portugal. O livro de batismo de São João do Cariri cita o batismo de Francisco (branco) na capela do Congo no dia 30.08.1775, ele sendo neto de Francisco Dias Chaves "de Chaves" (Portugal). O Sr. João Chaves Ventura, que escreveu uma genealogia da sua família no ano de 1974 em Sertânia começa com o assassinato na Serra da Colônia para Ingazeira do pai de Antônio Martins Chaves, Teodoro Martins Chaves e Ana Josefa Chaves e esposo de Josefa Ferreira Chaves. O assassino era um parente e comprador de cavalo: Manoel Ferreira Grande. Anos depois da morte a D. Josefa estava com Antônio no colo, no batente da porta da frente catando piolho no mesmo, e nesta ocasião, o Manoel Grande estava passando na estrada, (em frente a casa). Ela mostrou ao filho dizendo-lhe assim: olha Antônio, foi aquele indivíduo que matou teu pai. Ele respondeu, que quando crescesse juntava-se com Teodoro e mataria ele também. Depois de se tornarem rapazes procuraram vingar a morte do pai. Quatro emboscadas deram em nada. Resolveram pegar uma ocasião que dormisse em casa, e emboscaram o dito, amparado na cerca do curral na ocasião do deleitamento da vacaria de 4 a 5 horas. Neste intervalo, apareceu Manoel Ferreira Grande, eles o avisaram que se preparasse para morrer e assim sucedeu matando-o com um bacamarte. Eles fugiram de Ingazeira e depois de várias andanças compraram a fazenda Jerimum em Camalaú. Os dois irmãos ficaram muito ligados porque quatro filhas de Antônio , Maria, Angélica, Ana e Rita, se casaram com quatro filhos de Teodoro: Lourenço, Antônio, José e Teodoro. Um quinto filho de Antônio, Francisco se casou com Manoela, neta de outra quadruple aliança, feita na fazenda Ipoeiras e que tinha recebido o nome de Ventura. Neste casamento nasce o Sr. Francisco, o futuro proprietário da fazenda Ipoeiras de Camalaú e pai das famílias Chaves de São João do Tigre. Este homem era um homem de paixões: paixões pela política, (Movimento Liberal e contra os Perrepistas), paixão pela sua família e paixão pela terra, especialmente agricultura e o algodão (menos pela pecuária). São exatamente estas as paixões que ele transferiu para os seus filhos. E com elas cresceram na vida. Dentro do Tigre não foi a família Medeiros que assumiu a política mas foi a família Chaves como já mostra a emancipação política.

14.10. José Quirino Filho

Nasceu em 22 de fevereiro de 1900 como filho de José Quirino de Vasconcelos e Isabel Bezerra do Amor Divino, gente humilde e trabalhando na agricultura no sítio Cedro. Começou a crescer com a ajuda de amigos fortes. Casou-se em 1927 com Dina Emília de Carvalho e depois conseguiu comprar várias fazendas: Porteirinha (1928), Capim (1938), Poço do Rancho (1956) e Boa Vista (1963). Ele gerou 5 filhos: Maria José, Lunga, Gracinha, Tereza e Rita . Nos anos 30 começou a se posicionar na política. Apoiou os perrepistas mas depois de sua derrota foi para

o PSD e se tornou um político sério. Campanhas ele financiava com os próprios recursos. Devagar ele soube ganhar a confiança do povo.

Ele faleceu no dia 20 de agosto de 1965 em conseqüência de um acidente de carro e foi sepultado no seu próprio cemitério, o de Capim. Em 1988 a sua filha mais velha o seguiu: morreu num acidente de carro também, junto com seu esposo e mais duas pessoas.

14.11. A Família Raposo

Esta família tem as suas raízes em Pindurão. O patriarca é Thomas de Aquino, enterrado em Jundiá. Este homem recebeu o apelido raposo, por causa da sua pele manchada. Quando era criança gostava de assinar com o nome Thomas Raposo. O seu professor ficou com tanta raiva desta sua teimosia, que obrigou-o a assinar-se sempre com este seu apelido. Este Thomas se casou com Ana Ferreira das Neves e o casal teve nove filhos. Um destes filhos é o Sr. Félix Raposo, que se casou no Ingá com D. Josefa Quinca. Ele se tornou um forte comerciante. Comprou a fazenda Boa Vista e lá nasceu D. Ana, que recebeu uma educação excelente na época. Esta família se dedicou com muito amor a nossa igreja. Uma filha de Thomas, Louisa (Lula), foi para Zabelê e deu origem aos Raposos de lá.

Hoje a família Raposo não existe mais no Tigre. Ela acabou com a saída desgostosa do Sr. José Raposo para Monteiro.

14.12. A Emancipação Política

O município que foi criado em 1962 tinha um tamanho de 582 quilômetros quadrados e foi ampliado até 689 quilômetros quadrados e atualmente tem 4.149 habitantes (1991).

Nós devemos nos contentar com uma relação simples dos prefeitos e vereadores, faltando uma descrição detalhada da maneira como eles governaram.

Em 1962 foi nomeado o Sr. Ananias Celestino Ferreira como o primeiro prefeito do Tigre.

De 1962 até 1967 houve a primeira gestão eleita. Prefeito Mário Oliveira Chaves. Vice Manoel Ferreira da Silva. Vereadores: Pedro Tutú Sobrinho (presidente), José Nunes de Medeiros, Avelino Celestino da Silva, Elias Rodrigues da Silva, Manoel Bezerra de Freitas, Pedro Antão da Costa e José Raimundo Monteiro.

De 1967 até 1970. Prefeito Manoel da Costa Medeiros e vice Manoel Ferreira da Silva. Vereadores: Estanislau Chaves de Oliveira, José Raimundo Monteiro, Adalberto Bruno Ibiapino, Elias Ismael da Silva, Teodoro Reinaldo de Lucena (presidente), Sebastião Honório de Souza e José Ventura Lima. Nesta gestão

houve melhoramentos em vários açudes (Água Azul, Cacimbinha, Santa Maria e Bebedoura), foram construídos grupos escolares (Cacimbinha e Quaty), foi construído o mercado de Santa Maria e houve melhoramentos nos cemitérios do Tigre e de Santa Maria.

De 1970 até 1973. Prefeito Sebastião Alves da Silva e vice Manoel Ismael da Silva. Vereadores: Elias Rodrigues da Silva, Manoel Bezerra de Freitas, José Alexandre de Souza, Pedro Tutú Sobrinho, João Gonçalves Bezerra, Mário Oliveira Chaves e Romeu Pinheiro de Souza.

De 1973 até 1977. Prefeito Manoel Costa Medeiros e vice Mário Oliveira Chaves. Vereadores: Estanislau Chaves de Oliveira, Romeu Pinheiro de Sousa, José Raimundo Monteiro, Sebastião Barbosa Júnior, Estanislau Correia Ventura e José Alexandre de Souza.

De 1977 até 1983. Prefeito Mário Oliveira Chaves e vice Sebastião Alves da Silva. Vereadores: Manoel Bezerra, Estanislau Chaves de Oliveira, Manoel de Freitas Lemos, Antônio de Lima Duque, João Gonçalves Bezerra, José Alexandre de Souza e Pedro Tutú Sobrinho (depois da sua morte: Moaci Florêncio da Silva). Nesta gestação foi dada muita atenção a educação. Grupos escolares foram construídos em Roncadeira e Raposa e dois na rua. Foi iniciado o segundo grau e houve vários projetos para aumentar o nível da educação. Santa Maria recebeu um motor para energia e foi feito calçamento lá.

De 1983 até 1988. Prefeito Estanislau Ventura Mendes que foi substituído depois da sua morte em 1988 por seu vice Elias Rodrigues da Silva. Vereadores: Sebastião Bezerra da Costa, Manoel de Freitas Lemos, Manoel Bezerra, João Gonçalves Bezerra, Manoel Elias Neto, Manoel Messias da Silva, Estanislau Chaves de Oliveira.

De 1989 até 1993. Prefeito Estanislau Chaves de Oliveira e vice Mário de Oliveira Chaves. Vereadores: Antônio de Lima Duque, João Gonçalves Bezerra, Manoel Celestino da Silva, Estanislau Chaves Filho, Bartolomeu de Oliveira Bezerra, Braz Ventura dos Anjos, João Batista Medeiros e Messias Bezerra.

De 1993 até 1996. Prefeito Genuíno José Raimundo e vice Elias Rodrigues da Silva. Vereadores: Antônio de Lima Duque, Bartolomeu de Oliveira Bezerra, Manoel Elias Neto, Otacílio Vieira de Oliveira, Francisco de Paula, Mizael Bezerra Queiroz, Maria Sônia Costa Souza, Marcone de Freitas Lemos e Agrício Rodrigues. O prefeito Genuíno é o primeiro eleito da oposição durante os anos da emancipação política.

14.13. Educação

Aqui seguem alguns dados de pessoas que se destacaram nesta área. A pioneira da educação do Tigre era D. Ana Aragão. Recebeu a sua nomeação pelo

município. Chegou a ensinar a 70 alunos em condições difíceis. Ela ensinou de 1931 até 1953.

Uma segunda professora durante os anos de 1948 até 1951 e de 1957 até 1983 foi D. Elisabete Evangelista de Carvalho e uma terceira era D. Maria Tutú que ensinou de 1953 até 1962.

Em 1976 o jovem Marismar de Oliveira Chaves, 22 anos, foi nomeado secretário de educação e com o pleno apoio do seu pai, o prefeito, começou a organizar a educação em nível de município. Introduziu o sistema Montessori, que visa não só alfabetização, mas o desenvolvimento geral da criança individual com atenção especial pelos seus talentos criativos. Começou uma época cheia de novidades com um auge nas chamadas "festas dos povos", nas quais os estudantes foram desafiados a entrar em contato com outras culturas (de 1979 até 1988). Em Cacimbinha deve ser lembrada a atuação ininterrupta de D. Maria das Dores já durante uns 30 anos.

Vale ressaltar aqui que todas as professoras e professores se dedicaram de modo especial, à sua fé católica e tentaram transmitir esta fé aos seus álunos.

14.14. Personalidades esquecidas

Cem anos de história cobre a vida de muita gente. E como é fácil lembrar somente das autoridades. Mas, como isso é injusto.

Em primeiro lugar devemos citar aqui as parteiras, as mulheres que no anonimato estavam no berço de quase todos nós. Maria Santina (mãe Marica), Claudina Cavalcante (mãe Lalau), Maria Barbosa, Izabel Grossa, Luísa de Antônio Paulino, Maria Oliveira e D. Severina de Zé Romão. Segue a história de um nascimento.

"Aos 26.04.64, nasceu no sítio Pocinhos o garoto Adalberto de Lucena Batista, filho de Judith de Lucena Batista e Eduardo Batista de Lima. Naquela data, foi designada para fazer o parto a Sr.ª Claudina Bezerra Cavalcante, conhecida por Lalau, parteira bastante competente na época, a qual já herdava a profissão de sua mãe Marica. Houve um impecilho forte no momento do parto, complicando o mesmo na multiplicação de horas previstas; isto porque a criança vinha revestida por uma grossa película, a qual impedia a ajuda da mesma, isto é, o seu impulsionamento, ao lado do impulsionamento materno. E como D. Lalau era muito ativa e entendida, conheceu o caso e com muita pressa agiu, pressionando fortemente a película com dois de seus dedos, até que rompeu e a criança nasceu rapidamente, sem nenhum problema, robusta e perfeita, graças a Deus e a esta mulher sábia e sobretudo experiente, capacitada, existente neste recantinho paraibano.

Outras pessoas que ajudaram bastante o povo nos seus momentos de angústia

foram os rezadores, como tinha: Sr. Otávio (peitos abertos), D. Vina (osso triado/plantas e animais), D. Laura (olhado e isipa), Antônio Barbosa (picada de cobra e olhado), Joana Coxó (olhado, espinhela caída e íngua), Sr. Otacílio (olhado, espírito, peitos abertos), Antônio Grosso (picada de cobra), Sebastião Grosso (picada de cobra e animal desaparecido), Vicente Medeiros (dor de dente).

14.15. Outras Igrejas

Desde 1986 a Igreja Assembléia de Deus declarou a nossa região como área missionária. Esta igreja foi fundada nos Estados Unidos no ano de 1914 por um grupo de pastores de várias igrejas, que sentiram um vazio grande nestas suas igrejas. A igreja Assembléia de Deus está na linha do pentecostalismo. Em São João do Tigre foi construído um templo em 1992. Esta igreja é uma igreja cristã e se baseia também na bíblia (porém menor do que a bíblia católica) e na pessoa de Jesus Cristo. Ela prega a mensagem de Jesus Cristo num estilo próprio e questiona principalmente a igreja católica em relação à figura de Cristo, a conversão, a tradição, a bíblia, a história da igreja (e os santos), a função do papa, Nossa Senhora, a ética individual (fumar, dançar, beber). Na nossa região, ela não se mostra muito interessada em ecumenismo. Esperamos que no decorrer dos anos cresça um diálogo e que ela ajude os católicos a refletirem mais sobre a sua fé e as suas consequências.



Figura 5 - São João velho (20 centímetros) e São João novo (80 centímetros)

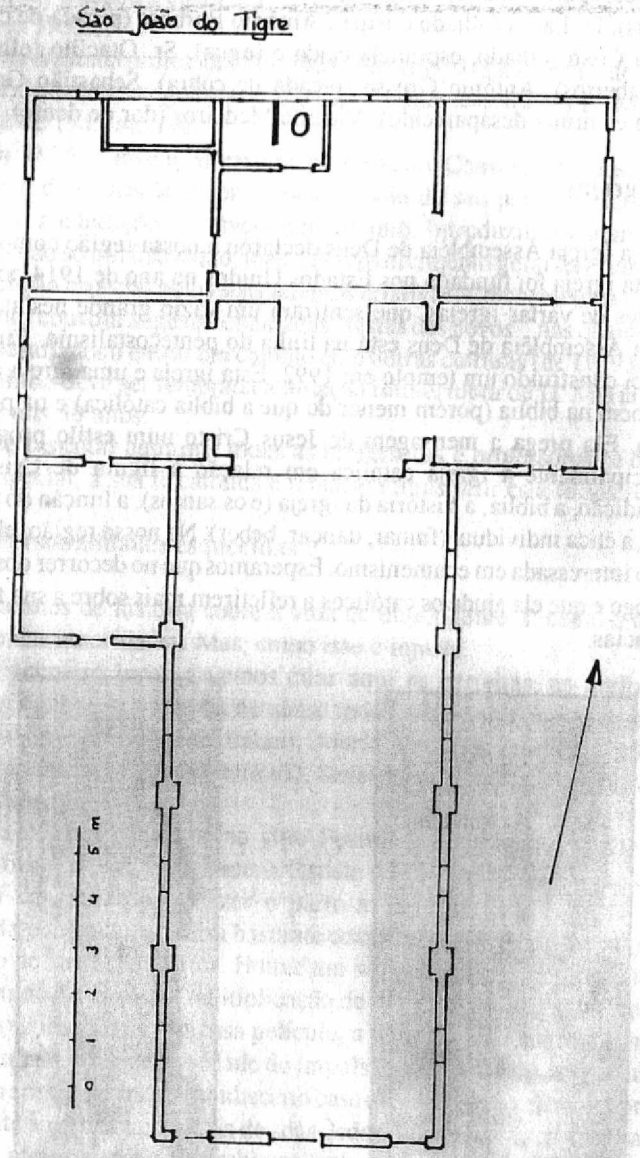


Figura 6 - Planta da Capela de S. J. do Tigre

15. PALAVRA FINAL

Este livrinho foi escrito para comemorar os 100 anos de São João do Tigre. Só para lembrar o passado? Só para contar fatos interessantes? É claro que isso seria uma história morta. Os 100 anos, o passado, está sendo lembrado em visto de um futuro. Um futuro que nós sempre sonhamos ser melhor, um futuro que aprendeu dos erros do passado e que soube aproveitar dos seus acertos.

É muito perigoso julgar o presente na luz da história. O presente só se deixa revelar e interpretar por completo quando faz parte do passado. Mas a tentação é grande demais. Faz 100 anos que uma mulher pobre sonhou com um futuro melhor para os seus filhos. Com as suas orações teimosas, ela foi atendida por Deus. Ela arrumou terra tanto para ela e a sua família como para os futuros habitantes da nova cidade que estava perto de nascer. Dá para imaginar o que aconteceu: a terra da onça foi transformada devagarmente na terra de São João. Com muita coragem, disposição, união e trabalho nasceu uma pequena rua, um povoado, uma cidade. Foi uma época de mudança e crescimento.

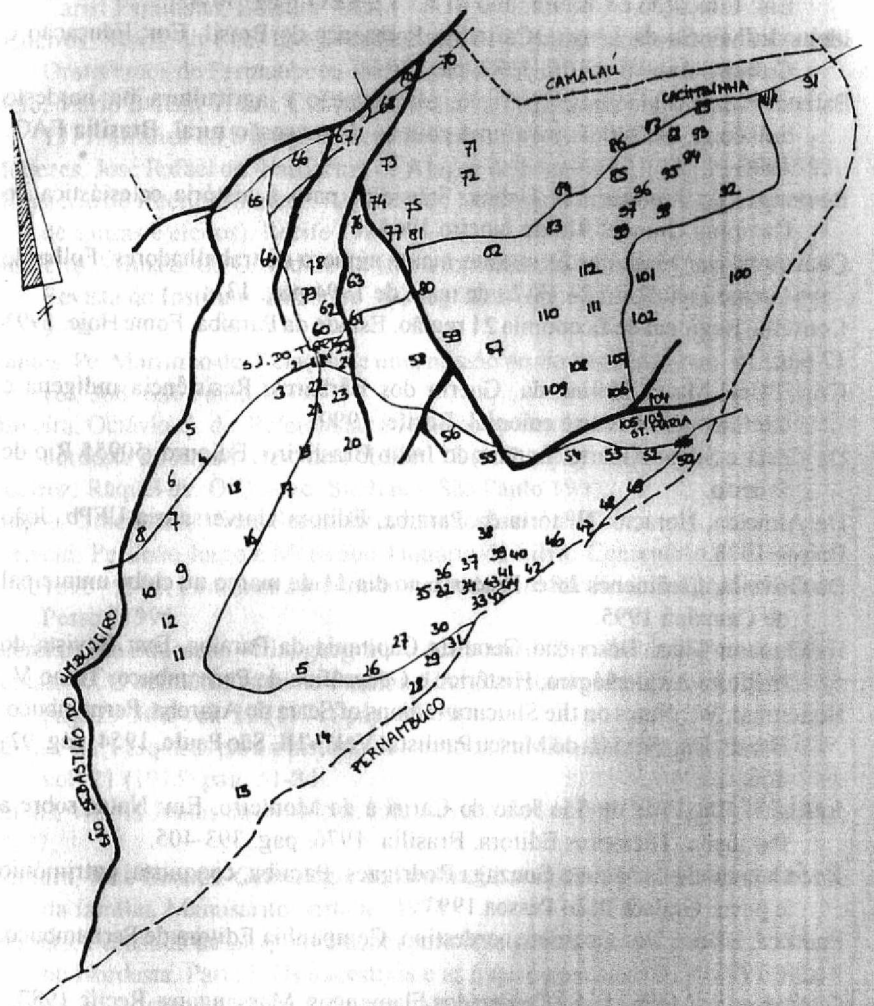
Quem passa no São João do Tigre hoje, sente novamente o mesmo clima. O prefeito atual, Genuíno José Raimundo, iniciou o seu governo num estilo nunca visto no nosso Cariri. Soube reunir o povo e os políticos locais de boa vontade. Convidou técnicos capacitados para ajudar na sua administração. Soube aproveitar dos seus contatos no nível do governo estadual. Convicto que é possível fazer alguma coisa, está trabalhando com honestidade, inteligência e aberto para a opinião de todos. Sob a sua liderança o povo tigrense está construindo a sua história deixando um exemplo forte para toda a nossa região e um incentivo para outros políticos novos. O povo de São João do Tigre está de parabéns: continuando neste caminho o futuro de São João do Tigre vai revelar muitas promessas ainda.

Nomes dos sítios de São João do Tigre

1. São João do Tigre
2. Tigre de Cima
3. Felisberto
4. Satiago
5. Santa Maria
6. Barriguda
7. Manoel Luiz
8. Jaburú
9. Cacimbas
10. Cascudo
11. Lavras
12. Santo André
13. Serra de Moça
14. Cachoeira
15. Salgado
16. Baixia
17. Felicidade
18. Travesso
19. Bahia
20. Pintura
21. Mulhila
22. Riacho Grande de Cima
23. Macambira
24. Riacho Grande
25. Água Azul
26. Arara
27. Serrotão
28. Deserto
29. Lagoa
30. Cupira
31. Mimosa Seca
32. João Cordeiro
33. Monteirinho
34. Tabaqueiro
35. Cascavel de Cima
36. Cascavel de Baixo
37. Caruá
38. Cabeça de Serra

39. Azevem
40. Boa Vista
41. Quati
42. Capim Grosso
43. Goiabeira
44. Goiabeira de Cima
45. Tanquinho
46. Bonita de Fora
47. Bonita de Dentro
48. Nogueira
49. Recanto
50. Cacimbão
51. Santa Maria
52. Fundão de Baixo
53. Várzea Grande
54. Jurema
55. Jucurutú
56. Cachoeira do Gavião
57. Logradoura
58. Vermelhão
59. Pedra D'água
60. Salinas
61. Alto de Boa Vista
62. Lua Bonita
63. Poço de Pedra
64. Baraúna
65. João Gomes
66. Barra de Cacimba
67. Ingá
68. Santa Cruz
69. Corredor
70. Raposa
71. Fortaleza
72. Mulungu
73. Lajes Bonita
74. Poço de Boi
75. Jaramataia
76. Cachoeirinha
77. Cachoeira Grande
78. Açudinho

79. Poço do Rancho
80. Capim
81. Cedro
82. Malhada de Aroeira
83. Pocinho
84. Angico
85. Angiquinha
86. Aroeiras
87. Roncadeira
88. Pátio de Roçado
89. São Miguel
90. Cacimbinha
91. Cacimbinha de Baixo
92. Junco
93. Riacho Fundo
94. Roncadeira Velha
95. Cacimba Nova
96. Boqueirão de Angico
97. Tapuio
98. Rio Comprido
99. Rio Comprido de Baixo
100. Cadeia
101. Mulungu de Baixo
102. Espera de Onça
103. Enjeitado
104. Caiano
105. Lagoa da Conceição
106. Lagoa de Serra de Paulo
107. Pau do Fumo
108. Pintado
109. Serra de Paulo
110. Coroco
111. Cacheira do Porão
112. Caroca de Baixo



Mapa do município de São João do Tigre

Aranha, Condorcet. Sistemática de plantas invasoras. Instituto Campineiro de Ensino Agrícola, Campinas SP 1987.

Barbosa Borges, José Elias. Indígenas da Paraíba (1). Classificação preliminar. Em: Educação e Cultura, ano III n.º 12, 1984, pág. 30-43.

Idem. Influência da Língua Cariri no Português do Brasil. Em: Educação e Cultura. Ano III n.º 10, 1983, pág. 26-31.

Batista Filho, Malaquias. Nutrição, alimentação e agricultura no nordeste brasileiro. Subsídios para uma política de extensão rural. Brasília FAO. 1987.

Boulanger de Albuquerque Uchôa. Subsídios para a história eclesiástica de Campina Grande. Rio de Janeiro 1964.

Chaves Mário. Mulheres formavam maior número de trabalhadores. Folha de Caruaru ano 2 n.º 24 18-20 de maio de 1994 pág. 13.

Conselho Regional de Economia 21 região. Estado da Paraíba. Fome Hoje. 1993 17 pág.

Cruz Pires, Maria Idalina da. Guerra dos Bárbaros. Resistência indígena e conflitos no Nordeste colonial. Recife, 1990.

Da Costa e Silva, Alberto. Lendas do Índio Brasileiro. Ediouro. 50955 Rio de Janeiro.

De Almeida, Horácio. História da Paraíba. Editora Universitária UFPb. João Pessoa 1978.

De Oliveira, Cleômenes José. Discurso no dia 11 de março no clube municipal de Camalaú 1995.

Herckmann Elias. Descrição Geral da Capitania da Paraíba. Em: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Tomo V.

Hohenthal, W.. Notes on the Shucuru Indians of Serra de Araroba, Pernambuco, Brazil. Em: Revista do Museu Paulista. Vol. VIII. São Paulo, 1954, pág. 92-166.

Joffily, I.. Da Villa de São João do Cariri à do Monteiro. Em: Notas sobre a Parahyba. Thesaerus Editora, Brasília. 1976, pág. 393-405.

José Octavio de A. Melo e Gonzaga Rodrigues. Paraíba, conquista, patrimônio e povo. Grafset. João Pessoa 1993.

Fonseca, Mário. Um sacerdote nordestino. Companhia Editora de Pernambuco. Recife 1975.

Gonsalves de Mello, J. A.. Tempo dos Flamengos. Massangana. Recife 1987.

Guimarães Rosa, João. Grande Sertão, Veredas. Rio de Janeiro. 1956.

Livros de Óbito de Camalaú.

Livros de Óbito de São João do Tigre.

Livros de batismo. Paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro - Pb.

Livro de tombo. Paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro - Pb.

Maciel, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado IV. A campanha da Bahia. Vozes Petrópolis 1987.

Medeiros, T. D.. Freguesia do Cariri de Fora. Camarges Soares. São Paulo 1990.

Medeiros, T. D. e Martinho Dinoá Medeiros. Ramificações Genealógicas do Cariri Paraibano, Brasília 1989.

Medeiros, Maria do Céu. Igreja e dominação no Brasil escravista. O caso dos Oratorianos de Pernambuco, 1659 - 1830. Ideia. João Pessoa, 1993.

Melo, Mário Batista Vieira. Cidade em trânsito. Poção, cem anos depois. Recife, 1971. Gráfica da Universidade Católica de Pe.

Menezes, José Rafael de. Patriarcas de Alagoa do Monteiro UFPE, Recife 1993.

Ministério do Interior, Sudene. As Secas do Nordeste (Uma abordagem histórica de causas e efeitos). Recife 1981.

Monteiro, Vilma S. C.. Os Índios Cariri e a formação do sertanejo Paraibano. Em: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. João Pessoa, pág. 9-20.

Nantes, Pe. Martinho de. Relação de uma missão no rio São Francisco. Brasiliana vol. 368. São Paulo 1979.

Oliveira, Octávio G. de. Referências a remotas epidemias de cólera no norte e no nordeste do Brasil. Rev. do I.H.G.P. 18 (1970) pág. 7 - 28.

Queiroz, Raquel de. O Quinze. Siciliano. São Paulo 1993.

Ramos, Graciliano. Vidas Secas. Record. São Paulo 1993.

Rietveld, Pe. João Jorge e Maricélio Januário da Silva. Centenário de Camalaú 1895 - 1995. Cem anos ao redor do seu padroeiro São José. Jareguá Ltda. João Pessoa 1996.

Secretaria da Educação. Atlas geográfico do Estado da Paraíba. João Pessoa, 1985.

Seixas, W. O sesmarialismo na Paraíba. Em: Revista do I.H.G.P. vol. 18 (1970) pág. 29-36 e vol. 19 (1971) pág. 86-90.

Seixas, W.. Pesquisas para a história do sertão da Paraíba. Em: Revista do I.H.G.P. vol. 21 (1975) pág. 51-84.

Seixas, W.. As Juntas das Missões. Em: Revista do I.H.G.P. Vol. 22 (1979) pág. 45-77.

Ventura, João Chaves. Genealogia da família Chaves, feita por um dos membros da família. Manuscrito Sertânia 1974.

Ventura, Fernando de Lira. Anotações para uma genealogia da família Ventura do Nordeste. Parte I. Os ancestrais e as quatro genealogias. Recife 1995.

Vianna, H.. História do Brasil. Companhia Melhoramentos, São Paulo. 1992.

Vroon, Piet. Psychologie in het dagelykse leven. Sesam. Baarn, Holanda 1993.